EDIÇÃO 2 | ANO. 2 | DEZEMBRO DE 2021

Revista AGL

ISSN 2764-3018

A LITERATURA E A CULTURA EM SERGIPE

A Revista AGL é um periódico eletrônico anual que tem por objetivo publicar a literatura contemporânea, trazendo à tona novos/as autores/as. Além de veicular artigos científicos na área de Estudos Literários, ensaios e resenhas.

Revista AGL

Edição 2 | Ano 2 | dezembro de 2021

Capa e diagramação: Jorge Henrique
Foto: Ancelmo Bless

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

R454 Revista AGL / Editores Jorge Henrique Vieira Santos, Iasmim Santos Ferreira, Carlos Alexandre Nascimento Aragão. – Vol. 2, n. 2 (dez. 2021). – Nossa Senhora da Glória, SE: Academia Gloriense de Letras.
95 p. : 21 x 29,7 cm

Anual.
Vol. 1, n. 1 (dez. 2016)-
ISSN 2764-3018
Disponível em: https://bit.ly/3DVIUuh

1. Artes. 2. Literatura. 3. Letras. I. Santos, Jorge Henrique Vieira. II. Ferreira, Iasmim Santos. III. Aragão, Carlos Alexandre Nascimento.

CDD B869

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Revista AGL
Edição 2 | Ano 2 | dezembro de 2021

CORPO EDITORIAL

Editor-Gerente:
Jorge Henrique Vieira Santos
Editora-Chefe:
Iasmim Santos Ferreira
Editor Adjunto:
Carlos Alexandre Nascimento Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Adebaldo Feitosa de Sousa Junior
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Iasmim Santos Ferreira
Jorge Henrique Vieira Santos
Lucas Lamonier Santos Silva
Maria do Carmo Sousa
Maria Verônica Santana Sales

ACADEMIA GLORIENSE DE LETRAS (AGL)

Registro: Reg. Nº. 1091, Livro nº. A-18, fls. 157 a 160 – Cartório do 1º Ofício de Nossa Senhora da Glória (SE). CNPJ: 16.928.447/0001-65. Endereço: (apenas para correspondências): Praça da Bandeira, 152, Centro, Nossa Senhora da Glória 49680-000 (SE). Telefone: (79) 99944-3584/ E-mail: academiagloriensedeletras@gmail.com / Site: www.academiagloriensedeletras.org

DIRETORIA EXECUTIVA (2021-2022)

Presidente: Carlos Alexandre Nascimento Aragão;
Vice-Presidente: Lucas Lamonier Silva Santos;
Secretário Geral: Kelber Rodrigues de Souza;
Secretária Adjunta: Gileide Barbosa de Souza Santos;
Diretor Financeiro: Marcelo de Jesus Moura;
Diretora Financeira Adjunta: Maria do Carmo Sousa;
Diretor de Comunicação e Intercâmbio: Jorge Henrique Vieira Santos;
Diretor de Projetos e Eventos: Adebaldo Feitosa de Sousa Júnior.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **7**
Iasmim Ferreira 7

POEMAS **9**

[Sem título] **10**
CASTRO, Renata de 10

CLARO CORPO-VERSO **11**
CASTRO, Renata de 11

MAR E SOM **12**
CASTRO, Renata de 12

ROSA DE JERICÓ **13**
CASTRO, Renata de 13

SECRETO **15**
MOURA, Marcello 15

ESPERANÇA **16**
GOMES, Carla Cristina de Oliveira 16

VISÃO DE POETA **17**
SANTOS, Maria Rita dos 17

MEU BRASIL BRASILEIRO **18**
SANTOS, Jane Guimarães Vasconcelos 18

O LIVRO **19**
SANTOS, Jane Guimarães Vasconcelos 19

MITOLOGIA POÉTICA **20**
SANTOS, Jane Guimarães Vasconcelos 20

VIVEZA POÉTICA **21**
SOUZA, Leunira Batista Santos 21

CICLO **22**
SANTOS, Jânio Vieira dos 22

O SEMEAR DA VIDA **23**
PINHEIRO, Solange da Gama 23

ARGUMENTAÇÃO **24**
SANTOS, André Luis 24

[Sem título] **26**
SANTOS, João Victor Rodrigues 26

CONTOS **27**

DIZER A SABRINA QUE NÃO [...] **28**
SALES, Martha Regina Santana 28

AMANHECEU, MAIS UM DIA COMEÇOU **32**
OLIVEIRA, Paloma Farias 32

ALMAS ENTARDECIDAS **34**
LEMES, Rogério Fernandes 34

CRÔNICAS **37**

BEM-TE-VI **38**
GUIMARÃES, Eunice 38

O QUE RESTOU DE MIM? **42**
SALES, Maria Veronica Santana 42

CANSADA **45**
SANTANA, Roseilda Alves da Silva 45

DE SONS E AFETOS **47**
SANTOS, Jorge Henrique Vieira 47

A ALMA DO SERTÃO **49**
LEMOS, Wagner 49

ENSAIOS **51**

PALAVRA-RITUAL: EVOCAÇÕES (DAS) POÉTICAS INSCRITAS EM ESPÍRITO TEXTUAL **52**
CARVALHO, Stella 52

A POESIA ENCANTADORA DE IARA VIEIRA **58**
SANTOS, Jorge Henrique Vieira 58

A DECOLONIALIDADE EM SANTO SOUZA **64**
ARAGÃO, Carlos Alexandre Nascimento 64

ARTIGOS **71**

UM ARTÍFICE DA PALAVRA: ASSUERO CARDOSO BARBOSA EM O ESPECTRO NO ESPELHO (2005) **72**
CÔRTES, Daynara Lorena Aragão 72

RESENHAS **84**

A INTERNET E OS IMPACTOS EM 'EU, ESCRAVO DA INTERNET?' **85**
FREIRE, Janete de Souza Lima 85

O SERGIPANO MANOEL CARDOSO E SEU "ESTUDOS DE LITERATURA INFANTIL" 87
CARVALHO, João Paulo Araújo de 87

ENTREVISTA 93
Entrevistadora: Daynara Lorena Aragão Côrtes 94
Entrevistado: Assuero Cardoso Barbosa 94

APRESENTAÇÃO

Iasmim Ferreira
Editora-Chefe da Revista AGL

A Revista AGL é um periódico eletrônico anual que tem por objetivo publicar a literatura contemporânea, trazendo à tona novos/as autores/as. Além de veicular artigos científicos na área de Estudos Literários, ensaios e resenhas. O volume 2021 centra-se na temática "A literatura e a cultura em Sergipe".

Nas próximas laudas, nossos/as leitores/as terão o prazer de ler os poemas de Renata de Castro, Marcello Moura, Carla Cristina de Oliveira Gomes, Maria Rita dos Santos, Jane Guimarães Vasconcelos Santos, Leunira Batista Santos Souza, Jânio Vieira dos Santos, Solange da Gama Pinheiro, André Luiz Santos e João Victor Rodrigues Santos. Além de um leque de poesias, a revista apresenta contos e crônicas. Os primeiros são assinados por Marta Regina Santana Sales, Paloma Farias Oliveira e Rogério Fernandes Lemes. As segundas são da autoria de Eunice Guimarães, Maria Verônica Santana Sales, Rosenilda Alves da Silva Santana, Jorge Henrique Vieira Santos e Wagner Lemos.

A Revista AGL publica também textos acadêmicos, como ensaios, artigos científicos e resenhas. O volume 2021, volta-se ao tema "A literatura e a cultura em Sergipe", um verdadeiro compêndio sobre a produção de escritores/as e de artistas de nossa terra. Contamos com os seguintes ensaios: "Palavra-ritual: evocações (das) poéticas inscritas em espírito textual", de Stella Carvalho, "A poesia encantadora de Iara Vieira", de Jorge Henrique Vieira Santos, e "A decolonialidade em Santo Souza", de Carlos Alexandre Nascimento Aragão. Além do artigo "Um artífice da palavra: Assuero Cardoso Barbosa em *O Espectro no Espelho* (2005)", de Daynara Lorena Aragão Côrtes. Por fim, nosso periódico dispõe de duas resenhas, "A internet e os impactos na sociedade em *Eu, Escravo Da Internet*?", de Janete de Souza Lima Freire, e "O sergipano Manoel Cardoso e seu 'Estudos de Literatura Infantil'", de João Paulo Araújo de Carvalho, e ainda, dispõe de uma entrevista, realizada por Daynara Lorena Aragão Côrtes com o escritor Assuero Cardoso Barbosa.

Por fim, tomamos de empréstimo as palavras de Stella Carvalho, em seu ensaio, que diz: "Se as palavras não nascem comigo, elas não podem morrer em mim" para

enfatizar que nós que fazemos a Revista AGL acreditamos nesse movimento da palavra, o qual se antepõe a nossa existência e a atravessa, por isso nos encorajamos na construção desta revista como um meio para que nossas palavras não morram em nós. No mais, desejamos a todos/as que a leitura deste volume seja um verdadeiro deleite de palavras.

ISSN 2764-3018 - Revista AGL / Nossa Senhora da Glória (SE), N. 2, dez/2021.

POEMAS

[Sem título]

CASTRO, Renata de[1]

No tempo em que sou
órfã e envelhecida
estrangeira de mim, peregrina

Sou vazia e inversa

Não sou essa
carne morna que transita
carne viva
cicatriza

Endurece ou se liquidifica?

A cada momento ido,
o que de mim fica?
o que de mim resta?
o que há de mim neta fresta
chamada vida?

(in *O Terceiro Quarto*)

[1] Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS, Aracaju, Sergipe, Brasil. renatadecastro_@hotmail.com

CLARO CORPO-VERSO

CASTRO, Renata de

Teu corpo
um verso
em metro
Ritmado

Em pelos
Velado
Coberturas de simulacros

Dissimulados preciosismos
no teu verso erudito.

Então te refaço
e verto
um verso puro
te reverto
enfim

E assim inverso
reverso de si mesmo
por mim revertido
por mim devassado
nasce nu
teu claro corpo-verso
encarnado.

(in *Hystéra*)

MAR E SOM

CASTRO, Renata de

Do teu nome emergem
Mar e Som

Marulham nas águas
do meu corpo as ondas
da tua rebentação
Meus olhos mareados
encontram sempre a ressaca
dos teus transbordantes
– quando estamos em Alto-Mar
e tudo é infinito horizonte
de maresia e nossos ais

Teu nome
de Mar e Som
imerso imenso
em meu oceano de silêncio
e turbulências abissais

(in *De quando entive em Alto-Mar: poemas de afogamento e algumas mortes felizes*)

ROSA DE JERICÓ

CASTRO, Renata de

Quando aqui chegou
eu toda era colheita
Fez de mim terra cercada
apodreceu minha safra
e semeou seus frutos
indigestos

Enraizou pés e mãos
em meu corpo
E fez dos olhos
astros de cima
a observar-me

Posseiro, sulcou-me
dia
e noite
nutrindo-se de minha seiva
e do leite de meus seios

Fez de mim
terra desértica
Queixou-se da aridez
Incapaz de arar chuva,
julgou-me seca

Desconhecia meus olhos-nuvem
alimento de meus veios
que me desaguam no ventre

Sou Mulher

Da minha boca brota
entre meus pálidos lábios,
a Rosa de Jericó.

(in *Sem mordaça. Sin mordaza*)

SECRETO

MOURA, Marcello[2]

amo-te.
com todas as minhas forças,
(amo-te).
e te amaria mil vezes fosse,
(mais e mais).

amo-te.
e não saberia sentir outra coisa
senão esse calor que queima
aqui dentro
(de tanto te amar).

amo-te.
e esse amor proibido, secreto,
nos deixa mais afoitos, loucos,
(irrequietos).
noutras convenções
(discretos).

amo-te.
e não deixaria de te amar
pela incapacidade dos outros
não entenderem
(o nosso amor).

[2] Professor, poeta, escritor e membro efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL) e da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo (AILAP). Graduado em Letras Português/Inglês e Especialista em Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Texto. E-mail: mmoura08@hotmail.com

ESPERANÇA

GOMES, Carla Cristina de Oliveira[3]

Vim aqui falar de um sentimento
Que nos faz transbordar
Gosta de fazer surpresa
E chega sem nem avisar.
Esse sentimento nos encanta
E nos enche de amor e perseverança
Basta olhar para o alto
E você vai saber que eu estou
Falando de esperança.
Esperança que traz mudança
Que em noite de mar agitado
Te faz perceber a beleza
Do céu estrelado.
A esperança é sutil e não muda
Com as dificuldades
Ela floresce em meio ao vento
E se destaca com sua formosidade.
Hoje o meu único pedido
É ter um pouco de sua simplicidade.
Quero ter essa esperança
Que me leva a descansar
Em meio às tempestades.

[3] Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Pio Décimo; Aracaju, Sergipe; Brasil. E-mail: ccogomes@hotmail.com.

VISÃO DE POETA

SANTOS, Maria Rita dos[4]

É frequente no dia a dia
Darmos de cara com a poesia
Viajamos pelo rincão das palavras
Numa trama em plena sintonia
Terreno fértil é o escrever
Mudanças no nosso incorrigível ser
Desde a doçura do nascer ao pôr do sol
O poeta busca sua inspiração
Aventura-se às viagens para dentro
E fora de si
Encontrando abundância nas palavras,
Redescobertas,
Novas perspectivas
E olhares sobre o amor,
A dor,
Flores e cores
Que compõe esse vasto céu colorido contido nos livros!

[4] Presidente da Academia Sancristovense de Letras e Artes (ASCLEA); membro fundadora da ALCS e AMS, membro vitalício na AIML e na CONCLAB.

MEU BRASIL BRASILEIRO

SANTOS, Jane Guimarães Vasconcelos

Poesia Brasileira em cores
e sentimentos de misturas
e etnias, devasta o perfume
colorido das palavras.

O cenário camuflado de cinza, derrama
lágrimas ruborizadas desbotando
os verdes musgos das matas.

Evoca luz o amarelo, que o azul límpido do céu
ressurja para o branco solidar
a ordem e progresso pelo desejo da paz.

Brasil abriga um mosaico
de um mundo de tintas e cores
aquarela do meu país ...
quero te servir todas as cores
numa concha azul do mar.

O LIVRO

SANTOS, Jane Guimarães Vasconcelos

Devasto páginas,
passeio pelo mundo.
Um pouco da vida,
palavras das coisas
mudas que sussurram
num lugar chamado silêncio.

Parte de mim,
espelho da minha alma.
Como asas,
cheio de sonhos,
tesouro de luz,
bálsamo do saber.

Cérebro que fala...
Toca as mãos,
Dono das minhas
tenras horas.

MITOLOGIA POÉTICA

SANTOS, Jane Guimarães Vasconcelos

Bardo cego
envolto do templo
do poema épico.
Da Ilíada e Odisseia,
fontes de inspiração.
Dois poemas contam a guerra de Tróia

Feitos heroicos perduram por séculos...
das ilhas Egeias, o mar... Egeu
Ode de beleza.
Homero, voz do poeta,
deus da literatura.
Corpo e mente,
racional e divina.
Traços dos mitos
ladeiam-me fascinando
como poucos.
Mitos deuses.

VIVEZA POÉTICA

SOUZA, Leunira Batista Santos[5]

Fortuna, linha marcada,
Luz que clareia o torrão.
Em cada canto ou lugar,
O fazer literário em Sergipe
Avança com muita ação,
E, com mentes cheias de glória,
Enraíza a arte na história.

Uma chuva de literatura
Enche a fonte do coração.
Na ação do artífice,
Escrever é valentia,
É paixão, é vida, é alegria.

Sergipe de ontem e de hoje
Tem riqueza comprovada,
Das produtivas sementes
A colheita foi abundante
Com a intelectualidade da gente.

O sertão de Sergipe é o
Reinado do sertanejo ousado
Que a leitura e a escrita alimentam,
E a coragem sustenta
O escudo da literatura
Com o passaporte da cultura.

[5] Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Tiradentes. Nossa Senhora da Glória, Sergipe. Contato: leunira.batista@hotmail.com

CICLO

SANTOS, Jânio Vieira dos[6]

Aquele sol
do dia,
no desenho que fiz naquela manhã
Começa aqui, termina aqui...

Havia inocência no olhar
que coloria a página

– Se sabia da existência dele?
não sei...
muita coisa se perdeu de mim.

Será que foi o rosto do resto
que ficou sem cor?

[6] Graduando em Letras-Português, Nossa Senhora das Dores, Sergipe, Brasil. E-mail: Janio.vieira16@gmail.com.

O SEMEAR DA VIDA

PINHEIRO, Solange da Gama[7]

Somos flor e semente,
Que a vida bendiz,
Da abelha o pólen
Vai formando raiz...
A inexplicável metamorfose,
Faz da borboleta uma aprendiz,
Asas agitadas buscando o horizonte,
Numa completa força motriz.
É poeira estelar,
É vapor e carvão,
É vento a soprar,
Causando confusão
Na alma do ser infeliz.
É gemido silencioso,
Ferindo o coração,
É súplica aos céus
De dor e louvação,
É o caminhar sozinho,
Do espírito sem perdão,
É desejo e desgosto,
Pela falta de união,
É essência, é luto,
É a seiva, retornando ao chão!

[7] Membro Fundadora-Ocupante da Cadeira Nº 01 da Academia Cristinapolitana de Letras e Humanidades-ACLH, Cidade: Cristinápolis-Sergipe/Brasil. E-mail: solangedagama0406@gmail.com

ARGUMENTAÇÃO

SANTOS, André Luis[8]

No mundo matemático
A Argumentação é a razão
É o poder da persuasão
Existe justificação?
Ou apenas aplicação?
Quem sabe explicar?
Quando e como utilizar?
A matemática está alicerçada,
Segundo a BNCC (2018):
No raciocínio lógico,
Pensamento independente,
Criatividade,
Capacidade de resolver problemas.
Para Leitão (2011), a argumentação:
Envolve o processo de comprovação,
Persuasão,
Criticidade
Favorecendo ao pensamento reflexivo,
Produção de conhecimento,
Desencadeando o processo de aprendizagem.
Attie (2016) vem dizer que argumentação:
É a compreensão instrumental,
E compreensão relacional.
Uma explica,

[8] Mestrando no Programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe. Professor de Matemática e Geografia. Escritor. Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras. Membro Fundador da Academia Municipalista de Sergipe. Membro Correspondente da Academia Canindeense de Letras e Artes de Canindé de São Francisco, Sergipe. E-mail: andrew_louis_smith@hotmail.com.

A segunda justifica.

E afinal, o que é argumentação?

Tente aí descobrir,

Vamos viajar,

E nessa perspectiva embalar,

A engrenagem da argumentação

E quais as “categorização”.

[Sem título]

SANTOS, João Victor Rodrigues[9]

São tempos sombrios

Em meu coração

Terra sem lei

Onde brilha

Distante

Pálida estrela

[9] Graduando em Letras- Português, Nossa Senhora das Dores, Sergipe, Brasil. E-mail: vrs180499@gmail.com.

ISSN 2764-3018 - Revista AGL / Nossa Senhora da Glória (SE), N. 2, dez/2021.

CONTOS

DIZER A SABRINA QUE NÃO [...]

SALES, Martha Regina Santana[10]

Logo após a morte de minha mãe encontrei um amontoado dos seus diários e num deles havia escrito:

Dizer a Sabrina que não...

A esta altura da vida muitas coisas deixei por não fazer e tantas outras não acabadas...

Como a jardineira do quintal do vizinho que me pus a cuidar. O passeio com o cachorro da tia adotada, tomei como compromisso diário. A barba do senhorzinho que pouco se recorda do próprio nome. A cortina do mezanino para remendar, antes da ação de graças. As cartas que escreveria àquele que estava na guerra e há muito não tínhamos respostas. O armário da sala de jantar que mais parecia com um depósito de tranqueiras, de tão bagunçado. E a decoração da escada. Muitos eram meus deveres... É! Eu deveria me dedicar a tudo isso!

Não é o momento de pensar em tais coisas. Hoje é o meu primeiro dia como órfã, não tenho mais minha mãe. Sou apenas uma garota, juro a mim que mais evoluída do que muitas pensam e mais perdida do que outros nem imaginam.

Um olhar pela janela entreaberta e o suave frescor da ventania que me invade me fizeram por um instante, sequer, acreditar que ficaria tudo bem. E bem por isso me pus a sentar e observar a visão à frente. A noite chegara... a lua parecia sorrir com um brilho pouco raso. Não sei se era confidente, ou, apenas sentia remorso por me ver chorar.

Sob luz nas ruas poucas pessoas caminhavam, algumas com pressa; outras a saborear a sensação de viver mais um dia. Cachorros buscavam comida em sacos jogados no caos. Sempre quis ajudá-los, talvez agora pelo menos tínhamos algo em comum...

Eu poderia me virar sozinha na vida, não seria difícil a mim, mas o orfanato me espera; e o que tenho em minhas mãos é apenas uma frase inacabada:

Dizer a Sabrina que não...

[10] Arquiteta e Urbanista, Nossa Senhora da Glória – SE, Brasil - e-mail: martharegina.mrs@gmail.com

Eu aguardava muitas palavras direcionadas a mim. Ela bem que podia ter escrito uma carta, um bilhete, ou até mesmo uma lista.

Um ser gentil jazia na essência de mamãe, e pouco sei o que herdei dela. Nas manhãs ensolaradas costumava me acordar, não com um beijo doce, com cantigas de bom dia. Sei que sua voz era desafinada e meio rouca. De tal modo parecia que o sol me chamava para viver um gratificante dia.

Ela continuamente me deixava dormir um pouco mais e quando eu descia os degraus lá estava... fazendo panquecas e sorrindo. Muitas vezes enxerguei em seus olhos a dor. A dor de não estar ao lado do papai, a dor de se dedicar com garra pelo sustento das nossas vidas. Éramos duas: ela e eu.

As memórias me encharcam de boas recordações! A felicidade sempre foi nosso guia. Mas veja lá...

Se fosse uma carta seria ensopada de sentimentos e emoções. Já um bilhete significaria carinho. E uma lista? Seria um guia com vários conselhos que eu deveria seguir, ou ser.

Vendo assim, de longe, eu esperava tudo isso!

Talvez bastasse para um início de existência sem minha mãe. Não... pensando melhor, nada bastaria. Ela construiu o chão que me fazia firme, trouxe o ar que eu respiro, inundou-me de paz, daquela que precisamos para alcançar as vitórias na vida e superar as perdas.

Eu estou com um buraco fundo no peito. É como uma queimadura que arde, ainda mais, depois de ferida. Essa é a sensação que tenho. Toco meu peito com as duas mãos, agarro meu corpo como se agarrasse o mundo e nada tem. Não há queimadura, nem mesmo feridas. Estou sã!

E continuo a pensar como findariam aquelas palavras. Preencher a lacuna ajudaria.

"Dizer a Sabrina que não...

Que não durma até tarde porque a vida é curta e não devemos perder tanto tempo...

Que não espere a chuva passar para realizar seus sonhos, os segundos contam...

Que não coloque por cima de sua alma os anseios de outrem...

Que não guarde as palavras que pulsam em seu ímpeto, um dia poderão queimar...

Que não seja grossa quando o medo lhe atacar e se ver sem saída...

Que não fuja dos seus erros, apenas por achar que é melhor do que o outro...

Que não deixe de falar palavras de carinho por um orgulho idiota...

Que seja gentil!"

É... pensando bem, uma lista seria como uma pancada de sermões. Quem sabe um bilhete? Ela costumava escrever bilhetes em *post-it*... pregava-os por todos os cantos da casa, até nos lugares mais inapropriados. Não sei bem se o objetivo era me manter atenta e ocupada, ou se a memória lhe falhava.

"Dizer a Sabrina que não...

Não tenha medo, minha flor, e no instante que ele chegar lembre-se que é necessário se arriscar para alcançar os sonhos. Se eu fosse te dar algo antes da morte, seria uma vela. Daquela que quando assopramos ganhamos a confiança necessária para viver nossas vidas!"

O bilhete diferente dos sermões me faria chorar! Porque a mamãe tinha o dom de explanar os sentimentos enjaulados. E sei que seus desejos a cada milésimo foram puros, com um simples e afetuoso olhar ela desmascarava o infinito. Já nem sei o que pensar... Agora, sou só eu... apenas!

"Dizer a Sabrina que não...

Querida, a tristeza precisa de um fim. Não fique triste por muito tempo!

É importante que tenha seu momento de dor e extravagância. A vida é bela mesmo sem mim. Ainda estarei na sua memória sussurrando, lá no findo da consciência, as palavras que precisa ouvir. Deve saber que nem todas elas você gostaria de escutar, no entanto a vida não deixa fazermos apenas o que queremos... nem mesmo viver pelo tempo que desejamos! E quanto isto... está tudo bem.

Quero que se lembre que a flor da idade se aproxima. Penteei os cabelos, assim como te ensinei e quando achar que estão desgrenhados faça-lhe tranças como o papai fazia. Será linda e esse ato fará se recordar de como é se sentir amada! São nos simples gestos que encontramos o acalento.

E o mais importante de todos os conselhos; você tem o temperamento do seu pai, fuja de encrencas. A impulsividade é uma coisa séria! Numa fração mínima de segundos pode estar diante de uma tremenda enrascada. Ou a salvo do lado oposto do perigo. Seja

esperta e escolha a segunda opção. Deseja um conselho mais direto? Abrace o impulso quando quiser e fuja dele sempre que puder!

...que não se esqueça que eu te amo, pequenina flor de laranjeira!

Do pulsar mais intenso do meu coração até além do meu último suspiro."

Foi aí que acordei com o rosto pressionando meus braços sob a escrivaninha e percebi que tudo não passava de um pesadelo. Mamãe estava ali, sentada na sua cadeira de balanço com um lenço amarrado sobre a pele lisa. Pesadelo ou aviso, a vida seria mais leve, eu ainda poderia abraçá-la e sussurrar o meu amor infinito.

AMANHECEU, MAIS UM DIA COMEÇOU

OLIVEIRA, Paloma Farias

Era manhã de sol e os pássaros cantavam freneticamente aos pés da janela. Os raios incendiavam na minha cama e avisavam com constância de que eu precisava acordar, levantar e seguir, viver mais um dia que estava por vir.

Eu abria os olhos como quem tinha medo do sol, parecendo criança que estavas prestes a dormir no balançar ligeiro dos braços que me tinham. Vislumbrar o dia durava infinitos segundos quando logo me deparava com a rotina sangrenta dos dias de lutas.

Amanhecer significava ter que viver, enfrentar o meu e os monstros criados e alimentados pelos outros, que vivia da dor causada em mim.

Eu precisava acordar, olhar no espelho e ver como eu estava destruída, sem forças e armaduras para enfrentar um dia que estava surgindo.

O ambiente era tóxico, pessoas vestidas de maldade caminhando de um lado para o outro, ofendendo sem medida, a língua parecia lâmina, cortava até o que não queria.

Eu andava em meio aos lobos que olhavam com fome, crescendo para atacar, e eu só caminhava pedindo para me deixar continuar.

Continuar vivendo sem ser aperitivo, sem sentir intensamente uma dor vivida. A vida é curiosa e momentaneamente feliz, mas viver já não era fácil e daquele jeito eu só tinha vontade de desistir.

Eu dormia e acordava com gente me ameaçando, parados na janela de casa, monitorando o horário que eu já nem tinha mais controle. Quando tudo isso me vinha à tona, eu desistia de levantar, olhava para a bancada ao lado e tomava os comprimidos para vestir a minha falsa felicidade, e seguir sem sair do lugar, no caminho que já não tinha ponto de chegada e nem ponto de saída.

Eu continuo deitada, agora dopada, e só queria ter forças para continuar. Para andar descalça na areia da praia e sentir o grão queimando a pele tão fina, sentir por instantes que estou viva, pertencente a um lugar, talvez até mesmo a mim.

Um dia talvez eu acorde do pesadelo sem fim e possa caminhar sem pressa para chegar.

Pode ser que um dia eu me sinta viva novamente, com vontade de continuar, mas até lá eu não posso ficar deitada sem sair do lugar, eu preciso me dopar e fingir, só assim para ser forte e seguir.

Amanheceu, mais um dia começou.

ALMAS ENTARDECIDAS

LEMES, Rogério Fernandes[11]

Encontraremos tranquilidade na solidão? Talvez este fosse o único pensamento a impulsionar os neurônios da moça paralisada sobre o banco da praça. Nem mesmo o tempo e suas ameaças, de chuva e ventos fortes a caminho, atraíam a atenção dela. Na mão esquerda um pedaço de bolo embolorado e, na direita, a esperança de reencontrar significados para sua vida solitária. Segurava com força um pequeno totem de argila que ganhara de um amigo, que regressara de Machu Picchu recentemente. Não estava segura o bastante para aceitar que tal objeto pudesse mudar sua sorte, nem mesmo sentia culpa ou vergonha por delegar tal empreendimento às coisas inanimadas. Afinal, animação era uma palavra que Annabelle carecia já há algum tempo, a contar pela escolha do nome dado por sua mãe. Para ela, ainda que sua mãe tivesse todas as razões do mundo para escolher Annabelle, isso tirou dela o direito de se perceber no mundo; de escolher sua representação mais caricata: seu nome que, em verdade, sua escolha predileta sempre foi Cristini.

Notou quando uma pessoa se aproximou e, sem hesitar, sentou a seu lado. Continuou imóvel e com o olhar penetrado no nada, apenas com o pensamento na eventual função social da solidão. Ao lado, o homem finge não perceber a presença de Annabelle. Mas tudo não passa de um jogo. Uma trama. O ar quente e triste do local contribuía para um entardecer bucólico. A poeira vermelha deixada pelos veículos lentamente se dissipa entre plantas e pessoas. Algumas com máscaras e outras, com máscaras eternas.

Annabelle pensava na incoerência da presença. Mesmo ali, próximos, ambos eram desconhecidos e solitários. E por este mesmo motivo, acreditava que conversar sobre lamúrias e desventuras seria ainda pior; potencializaria, ainda mais, uma situação há muito penosa, desgastante e extremamente decadente. Notou um barulho irritante da mão do estranho penetrando um pequeno saco de papel endurecido. Biscoito? Jujubas? O que estaria por encontrar no fundo do saco; no fundo do poço. Justamente no mês de setembro início do mês, na verdade, ar seco, secura constante, temperaturas elevadas, o que

[11] Graduado em Ciências Sociais, com pós-graduação em Jornalismo Digital. Membro da Academia Douradense de Letras e membro correspondente da Academia Gloriense de Letras. Amambai, MS, Brasil.

motivava aquele estranho a deixar o conforto do lar para alimentar-se em local tão improvável? Tinha em mente que, se perguntasse algo, seria o gatilho para uma aproximação. Isso não. Não naquele momento. Não naquela vida.

Se a solidão, eventualmente, tem uma finalidade, Annabelle queria encontrar a sua. Era segundo pensava, um direito seu ou, quem sabe, uma dádiva. O fato é que estar só tem lá suas vantagens como, por exemplo, imergir em si mesma, protegida aparentemente, de todas as frustrações. Dizem que a pior solidão é aquela do ausentar-se de si mesmo, não encontrar sentido para a própria vida e não ter forças para ressignificar o mundo. Annabelle estava acompanhada, com uma pessoa ao seu lado, porém, não estava em si e estava completamente só.

A cada mastigação, uma repulsa. Seria proposital daquele estranho ou uma estratégia tosca de aproximação. O fato é que Annabelle não conseguia mover um músculo sequer para atravessar a praça. Sair dali o quanto antes. No silêncio misturado com dentes, língua, saliva e restos de alimento, ela percebeu o momento de caridade daquele estranho. Lentamente o saquinho de papel endurecido diminuía a distância até seu corpo. Annabelle vira-se, mais lentamente ainda, com um olhar penetrante e absurdamente morto.

Por alguns segundos aquele estranho parecia desnudar a si mesmo e dizer o quanto a compreendia, pois também desejava romper, abruptamente, com tudo o que o definia; o que o rotulava. Sem palavras ou gestos de qualquer demonstração de afeto, Annabelle introduziu a mão esquerda para tomar o que não era seu por direito; para tomar para si algo oferecido. Eram jujubas de puro açúcar e coloridas artificialmente, tal qual sua vida desbotada naquele entardecer cinzento e quente.

Assim permaneceram por longos minutos, até o instante em que a última guloseima fosse destroçada por dentes robotizados. As bocas totalmente animadas por movimentos quase que, involuntários, seguiam frente ao crepúsculo que, lentamente, sucumbia à épica batalha com as trevas.

O homem levanta-se e inicia seus primeiros passos. Annabelle, imóvel, esboça algumas palavras. Talvez as melhores e mais significativas para aquela demonstração de irmandade. Imersa em pensamentos solitários, Annabelle sabia que o alimento é, em verdade, um fenômeno de aproximação com um poder enorme de igualar as almas; de ignorar posições sociais e relembrar ao ser humano sua marca essencial: a finitude.

— Obrigada.

Sem olhar para trás, o homem desaparece lentamente na poeira. “Lugar de onde veio e para onde vai” – pensou Annabelle.

Antes de sumir completamente, o homem responde:

— Seja livre, Cristini.

ISSN 2764-3018 - Revista AGL / Nossa Senhora da Glória (SE), N. 2, dez/2021.

CRÔNICAS

BEM-TE-VI

GUIMARÃES, Eunice[12]

Manhã de domingo. Sons vinham do meu jardim. Acordei com o cântico dos pássaros, dos quais destacava-se o cântico dos bem-te-vis. Os pássaros concentravam-se no cajueiro que fica ao lado das janelas do meu quarto. Isso é rotineiro nas manhãs ensolaradas, porém especificamente nessa manhã, algo diferente estava acontecendo. Fiquei a observar o voo de alguns bem-te-vis e a ouvir o cântico dos mesmos. Decifrei que existiam filhotes pela forma como emitiam os sons. Os bem-te-vis voavam de um lado para o outro, e em alguns momentos pousavam em um galho de alguma planta, ou nos fios elétricos que passam ao lado das amendoeiras, ou mesmo no muro, retornando depois ao cajueiro. Em determinados voos chegavam bem próximos das janelas abertas do meu quarto. A agitação era grande e o cântico era forte, transmitindo alegria. Deduzi que algo de novo está acontecendo no ninho dos bem-te-vis. Deveria ser um dia especial para esses seres cantantes! Essa alegria me contagiou. Resolvi sair da cama e seguir a minha rotina matinal do domingo: banho, colocar roupa de praia, tomar café e seguir para a minha caminhada à beira mar.

Enquanto realizava as minhas atividades, continuava ouvindo o cântico dos bem-te-vis. De repente, o cântico alegre deu lugar a um cântico triste. Passei a ouvir um piar de lamento de algum filhote, como se estivesse sofrendo. Enquanto esperava ficar pronto o café, resolvi molhar as plantas e observar o que se passava com os bem-te-vis. Qual foi a minha surpresa ao chegar ao jardim? Encontrei um filhote de bem-te-vi sobre a grama, embaixo do cajueiro! Tentei me aproximar, ele tentou voar; um voo baixinho e logo voltou ao gramado. Nesse momento observei que ele estava com a patinha machucada, pois ao caminhar, mancava um pouco. Enquanto isso, dois bem-te-vis voavam de um lado para o outro, dando voos rasantes, bem próximos da minha cabeça. Com certeza eram os pais do filhote e estavam tentando protegê-lo. Mesmo assim, peguei com cuidado o filhote de bem-te-vi e o coloquei em um dos galhos do cajueiro, pois não consegui localizar o ninho. Fiquei preocupada e comecei a pedir para o protetor dos

[12] Pós Graduada em Direito Previdenciário, Aracaju, Sergipe, Brasil, eunicegarcia07@gmail.com

passarinhos, São Francisco, que fizesse o filhote voar e ir para o seu ninho. Segui para a cozinha, para tomar o meu café e logo depois ir à praia fazer a minha caminhada.

Enquanto fazia a minha caminhada, não parava de pensar no filhote e na festança dos bem-te-vis. Compreendi que era um dia especial, realmente. O dia do primeiro voo para os filhotes, e que, infelizmente, algo saiu errado para um deles. Retornei, fui direto ao jardim e a surpresa foi maior! Não havia um filhote de bem-te-vi, mas sim, dois! Próximo ao filhote machucado estava outro filhote. Me aproximei e o novo filhote levantou voo, indo pousar no galho da alameda – arbustiva, enquanto o filhote machucado tentava esconder-se sob as ixoras. O novo filhote era sadio, fiquei tranquila em relação a ele. O sol estava quente, resolvi colocar uma vasilha com água, para que os filhotes pudessem matar a sede. Fui para sala e de lá fiquei observando, através da janela, todo o movimento dos bem-te-vis.

O dia seguia e eu, entre uma tarefa e outra, dava uma olhada nos bem-te-vis, que não paravam de cantar e voar no jardim. Os filhotes, a andar pela grama e uma vez ou outra, iam até a vasilha com água e ficavam dentro dela. Uma coisa que me emocionou bastante, foi o companheirismo, o amor entre os irmãos filhotes! O filhote sadio poderia ter ido embora, sair voando, voltar ao ninho, porém, esse se manteve junto do seu irmão doente. Eu sentia todo carinho e o cuidado entre esses seres, e eles percebiam a minha presença.

A tarde do domingo estava se indo e o filhote machucado não parava de piar. Era um piar, o qual chamei de choro de um bebe doente. E ao mesmo tempo, um dos bem-te-vis adultos, provavelmente a mãe, também não parava de cantar, e ficava indo do cajueiro até as ixoras, onde se encontrava sob estas, o filhote machucado. Tudo isso me deixava triste. Eu rezava para que o filhote sobrevivesse até o outro dia, segunda feira, e eu pudesse levá-lo ao veterinário. Em um determinado momento em que fui mais uma vez dar uma olhada, vi uma das cenas mais belas, que me fez transbordar em lágrimas: era, provavelmente, a mãe alimentando o seu filhote. Ela trazia no bico algo, o qual depositou no bico de seu filhote doente!

A luz do dia começou a dar lugar ao negrume da noite. O filhote sadio junto com o bem-te-vi adulto, voaram. O silêncio dos pássaros se fez presente. Nesse momento fui ao jardim verificar onde se encontrava o filhote machucado e vi que ele estava agachadinho sob as ixoras. Fiquei preocupada com a segurança do

filhote, pois, durante a noite, poderia aparecer no jardim algum animal, como rato, gato, que pudesse vir a fazer mal a esse. Resolvi fazer um ninho provisório, onde o filhote de bem-te-vi pudesse passar a noite. Fui atrás de uma caixinha, dentro dessa coloquei retalhos de panos, folhas, dando forma ao ninho. A tampa servindo de quebra vento. Em seguida, prendi o ninho provisório entre os galhos das ixoras e em seguida, acomodei o filhote machucado dentro do ninho. Esse se acomodou, procurando a melhor forma de ficar no ninho, fechou os olhinhos e ficou quietinho. Senti que esse estava bem e seguro.

A noite transcorreu, a segunda-feira raiou e eu acordei com o cantar de um bem-te-vi e o piar de um filhote, os outros pássaros não cantavam. Lembrei-me do filhote machucado e pensei que este estaria com fome. Levantei-me da cama e fui direto ao jardim. A primeira coisa que vi foi um bem-te-vi na galha do cajueiro, próximo das ixoras, a cantar. Provavelmente esta seria a mãe do filhote. Agachei-me junto ao local onde tinha colocado o ninho provisório, na intenção de retirar o filhote e colocá-lo sobre a grama, para ele poder receber a comida de sua mãe. A minha surpresa foi imensa! O filhote machucado tinha falecido. A tristeza tomou conta do meu peito. Percebi que o cantar daquele pássaro era cantar de dor de uma mãe que perdeu um filho.

Retirei o filhote do ninho e o depositei sobre a grama. Enquanto isso, o bem-te-vi cantava sua dor e observava o que eu fazia. Em nenhum momento ele voou. Fiquei sem saber o que fazer! Nunca tinha vivenciado a dor desses seres cantantes, como vivenciei nesses dois dias. Era uma dor real, igual a de qualquer mãe que perde um filho. Resolvi voltar para o interior da minha casa e deixar que o bem-te-vi adulto, ficasse a sós com o seu filhote falecido. Continuava a ouvir o cântico do bem-te-vi, cântico de dor. Essa dor compartilhei, colocando-me no lugar dessa mãe! O dia ficou sem brilho, porém tive que seguir a minha rotina. Era dia de trabalho, mas, antes de sair, voltei ao jardim e lá encontrei junto ao corpinho do filhote, sobre a grama, o bem-te-vi a cantar. Sem dúvida nenhuma, ali se encontrava uma mãe, que cantava a sua dor. O dia seguiu, as minhas filhas acompanharam tudo e, alguns amigos de trabalho ficaram sabendo do acontecido. Voltei para casa no final da tarde, o sol já estava se indo. Procurei o corpinho do filhote, mas já não o encontrei. O dia se foi…

Amanheceu, a terça-feira chegou… O sol estava a brilhar no horizonte, os pássaros começavam a cantar e a sair dos seus ninhos. O que marcou esse novo dia, mais uma vez, foi o cantar de um bem-te-vi, que veio até a minha janela. Senti como se fosse

um cântico de agradecimento! Ficamos a nos observar por alguns instantes. Tratava-se da mãe dos filhotes. Naquele momento, eram duas mães que se entreolhavam e compartilhavam o sentimento de gratidão e amor por seus filhos… Coisa de mãe, sem explicação!

O bem-te-vi bateu asas e voou… e a vida continuou a seguir o seu curso.

O importante é que vivenciei de perto o amor entre esses seres cantantes, os bem-te-vis. E o meu amor por todos os seres, ditos irracionais, que de irracionais não tem nada, pois são inteligentes e dotados de sentimentos, só aumentou.

O QUE RESTOU DE MIM?

SALES, Maria Veronica Santana[13]

Então, fiz a seguinte proposta:

Procurarei três ilhas imponentes, nunca habitadas por humanos. Suprirei toda água e alimentos necessários para sobrevivência em plenitude, e nelas porei, numa, Piêtro e Ana, noutra, Robert e Beto, e, na terceira, Helena e Elen. Todos são vinte e um anos velhos.

Detalhe, eles escolheram lá morar.

Deixar-lhes-ei lá e direi: comam, bebam, vivam, amem-se... prometo-lhes não faltar nada.

Terás um céu estrelado para contemplar nas noites de verão, a lua disponível para apreciar os casais enamorados, nuvens passeando pelos ares movimentando o céu azul, frutas de todas as espécies suculentas e por demais saborosas, flores que enfeitarão e perfumarão todo o lugar, uma praia com águas límpidas e ondas calmas, areia macia e bem branquinha para caminhar pés descalço e deitar se quiserem, um rio com toda espécie marítima, animais disponível, caso sejam carnívoros, ervas diversas à todo gosto, enfim, tudo, tudo, tudo. Ali nada é proibido.

O sol brandamente aquecerá suas peles e brilhará por todos os dias.

Haverá, por vezes, chuva para romantizar o ambiente, mas nada de tempestades.

Ah, vale frisar, um castelo luxuoso com tudo que tem direito.

E, a última promessa: voltarei!

As regras são simples, viverá por lá até o fim dos seus dias, receberá minha visita quando desejares, basta me chamar, estou prontamente à disposição.

Segunda regra: se estiver, simplesmente, perdidamente apaixonado um pelo outro, sugiro que não vá. É que a paixão tem a ousadia de sequestrar o juízo, sabem disso, né?

Não é paixão, é amor de verdade. Todos.

[13] Doutoranda em Ciências da educação (UNINI) MX. MESTRADO - ULHT, Portugal. Especialização em Educação, desenvolvimento e políticas educativas. CINTEP/PB, CCITP_PPROV, Brasil. Especialização em psicopedagogia institucional. (FA), Brasil. Graduação em Letras Português/Inglês - Universidade Federal de Sergipe, UFS, Brasil.

É preciso ter certeza que essa é a pessoa certa para viver junto, pra sempre. Reflita que pra sempre é muito tempo, é a eternidade, ficou claro?

Não é paixão, é amor! Todos asseguraram.

Ok. Vamos nós.

- O lugar é lindo, é o Éden, com certeza! Será que nos bastamos, ou a solidão ameaçará nossa sobrevivência? Será que tem serpentes?

Não, não há serpentes ali. Aliás, não há nenhum indício de perigo, não precisam sentir medo.

- Nossa! Incrível! Aqui é o paraíso. Véio, aqui teremos vida, efetivamente, ninguém pra nos julgar, censurar, ou algo do tipo...

- Caraca! Isso é que chamo de paraíso, aqui teremos a vida que sonhamos, aqui teremos a paz em plenitude... livres de blá-blá-blá.

Ops! Um conselho. Procurem lembrar de mim todos os dias, assim manteremos uma conexão segura. Outro detalhe, estarei disposto a refazer a rota de sua vida, caso a mudança de escolha seja justa.

Sobrevoei por muitas vezes aqueles territórios que todos se apoderaram como se, de fato, fossem donos, e nem fui percebido. Reparei que cada um vivia intensamente e por vezes apreciavam o que possuíam, por vezes destruíam, e seguiam... dias felizes, dias medíocres, todavia, fiquei no esquecimento.

Esquadrinhava seus pensamentos todos os dias, estive desejoso de um contato a todo instante, no entanto...

Tudo bem, entristece-me, mas, não se sintam obrigados.

Outros dias ouvi um grito, um clamor, e um choro de bebê.

Olha, a vida ali está se multiplicando!

Mas, logo fui esquecido de novo.

A promessa que fiz outrora, agora se cumprira. Passado tempo suficiente para que todos experimentassem a velhice e quem sabe lembrassem de mim aterrissei em todas as ilhas. O que antes era intocado agora havia sido explorado, modificado, a vida ali se movimentou.

Numa, crianças brincavam no jardim, jovens conversavam, pessoas interagiam com animais e, embaixo de uma árvore frondosa, um pé de oliveira, estava sentado um velhote, sozinho, cabisbaixo, parecia cochilar.

Sacudi os galhos da árvore e isso lhe assustou.

Calma meu velho, não tenha medo! Cadê sua parceira?

Morreu de parto do nosso décimo segundo filho, mas por aqui, mesmo eu definhando de saudade, a vida continua...

CANSADA

SANTANA, Roseilda Alves da Silva[14]

Hoje acordei cansada. Cansada de ser chamada de guerreira, forte, lutadora, batalhadora, mulher de fibra, enquanto eu queria mesmo era que minha história fosse diferente. Cansada de ter que sempre ser forte, quando o que mais quero é desabafar e descansar e viver uma vida dentro dos padrões da "normalidade".

Cansada de ouvir palpites sobre o que devo fazer, ao invés de me ajudarem a fazer!

Cansada de olhares me julgando, criticando, observando, condenando, enquanto o filho deficiente tem uma crise, um surto, um momento de desespero por ser não verbal e não é compreendido naquele momento, ao invés de um apoio, um ombro amigo, sem julgamentos ou piedade.

Cansada de estar sempre ouvindo "você consegue", ao invés de um, "EU TE AJUDO"!

Cansada de deixar meus planos de lado, porque não consigo me colocar em primeiro plano!

Cansada da exigência diária, por acreditarem que tenho respostas para tantos questionamentos, por acreditarem que sou capaz em tempo integral.

Cansada de ser caluniada e incompreendida diante de uma entrega sincera quando é encontrado um ombro e abraço amigo.

Cansada da vida, de mim, do outro, da situação, dos olhares julgadores, da realidade sem perspectivas... das indiferenças.

Cansada de pessoas se afastarem, porque não entendem minhas prioridades, e só fazem exigir a presença que não posso dar, a companhia que não posso oferecer, a amizade que não posso corresponder.

Cansada de estar cansada e não querer me cansar em momento nenhum! Tem dias, que ficar cansada, não é tão ruim, é poder lembrar que você pode fazer tudo que estiver além do seu alcance, apenas simplesmente por AMOR!

[14] Mestre em Ciências da Educação. Graduada em Letras/Espanhol, Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Psicologia da Infância e AEE.

Um AMOR que não nos permite cansar, mesmo na exaustão!!!! Um amor que não tem medidas, formas, cores, tamanho. Um AMOR, na diversidade e no respeito as diferenças e na aceitação.

E há quem diga: cansada de que? Vida realizada, trabalho, moradia, amigos? Cansada de que? Cansada de perguntas sem respostas. Cansada de ser ponte, quando na realidade queria um porto seguro.

Cansada de traduzir gritos em palavras, quando na realidade, queria ouvir, EU TE AMO!

Cansada por não viver o que sonhei, planejei, idealizei...

Cansada de ser forte, quando na realidade, busco não ser suficientemente fraca. Fiz minhas escolhas, minhas opções de vida, e escolhi dar o melhor de mim, mesmo alguns não achando esse melhor o suficiente, pois nem eu acho, mas luto todo dia para ser suficiente para ele, meu filho, meu menino, meu rapaz deficiente múltiplo, a quem me dedico 99%, do meu tempo, porque aquele 1% eu DESCANSO, de um cansaço que nunca tem fim.

DE SONS E AFETOS

SANTOS, Jorge Henrique Vieira[15]

Entre as memórias afetivas que guardo desde a infância estão, certamente, os telefonemas de Madrinha Nair no Natal. Eram infalíveis. Se havia algo de que podíamos ter absoluta certeza era de sua ligação para manifestar votos de saúde e prosperidade. Sempre que podia nos brindava com sua visita de fim de ano, mas quando não lhe foi mais possível, ainda tínhamos o presente de ouvir sua voz suave e gentil a nos cobrir com as graças divinas.

Não apenas a voz, Madrinha Nair era a delicadeza e a gentileza em pessoa. A propósito, muito tempo depois de me habituar a lhe pedir a benção, assim como fazia minha mãe, fiquei sabendo que não era, de fato, nossa madrinha. Mesmo assim, ouvir sua voz a me abençoar era como me deixar embalar por uma música de pleno amor.

Li certa vez num manual teórico que a música é "a arte de manifestar os diversos afetos da alma mediante o som". Adorei. Eis um belíssimo conceito que, tal qual Madrinha Nair, aproxima afetos e sons.

Gosto de pensar a existência assim.

Somos notas musicais. Vibramos em frequências diferentes, agudas ou graves, no decurso do tempo. Cada um de nós com sua altura, duração, intensidade e timbre vai, pouco a pouco, revelando-se onda sonora única, inconfundível. Quando alcançamos a ordem, o equilíbrio e a proporção, realizamos nossa essência. Mas só cumprimos nosso real propósito se combinados aos outros sons. É assim, de forma sucessiva ou simultânea, quando encontramos o outro, que permitimos a melodia e a harmonia, o contraponto e o ritmo, e podemos compor a música da vida.

Quem aprende a ler o pentagrama da existência aceita os propósitos divinos e não teme o silêncio. Sabe ouvir a grande música da humanidade e compreende que ela guarda em si o som de todas as notas, e cada pausa permitida pelo Criador não é ausência, pois é do equilíbrio de sons e silêncios na pulsação do ritmo que nasce a música.

[15] Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Nossa Senhora da Glória, Sergipe, Brasil.

Durante o tempo em que vibrou conosco como onda sonora, nossa querida Madrinha Nair cumpriu sua missão e sua voz doce e amável era a música a nos mover os afetos e os sorrisos, a transformar nosso mundo num lugar melhor.

Hoje, o que parece inaudível ainda compõe a trilha sonora que nos embala intimamente, serenamente, e que será ouvida por familiares e amigos enquanto a grande sinfonia continuar se desenvolver.

11 de setembro de 2021.

A ALMA DO SERTÃO

LEMOS, Wagner[16]

Há vinte anos, comecei minha carreira docente no sertão sergipano. Em Nossa Senhora da Glória, considerada a capital da região, eu cheguei para dar aulas de Literatura e Inglês. Eu, nascido em Recife, mas que havia me criado a partir da adolescência em Aracaju, trazia comigo a ligeireza e o vocábulo das capitais de estado. Ainda precisava aprender o andar, o falar e o jeito de olhar das terras sertanejas.

Cada canto tem seu jeito de entender as coisas, de fazer a vida andar. Cada lugar tem seus costumes. O forasteiro mais desatento vai perder muito se não tiver a humildade e, sobretudo, a sensibilidade de perceber as particularidades. Como forasteiro, precisei me adaptar às senhas e aos códigos do sertão. O jeito de falar, a forma reverente no cumprimentar o professor, o sorriso de bons anfitriões.

Com o passar das semanas, ao transitar pelas ruas, rodar pela feira do sábado ou sair para curtir o friozinho da noite na praça, o forasteiro passa a ser reconhecido. Já vai se sentindo local.

Mas isso não quer dizer que eu já me sentisse totalmente habituado, já que anos de vivência de urbanas e turbulentas capitais não se desfazem tão rapidamente de nossa alma. Daí a minha estranheza com o costume sertanejo de sempre querer que você entre em sua casa, sente-se à mesa e coma alguma coisa. Eu, sujeito talhado na pressa urbana e nos salamaleques de cortesia de aparência feitos na cidade, recusava sem jeito. À minha recusa, logo vinha a frase: “mas não me faça essa desfeita”. Eu, acabrunhado, constrangido, fazia a tal desfeita sem entender exatamente o que havia feito demais.

A vida levou-me a outros caminhos, cidades várias, mas nada comparável a esse jeito sertanejo de receber. No entanto, passados uns anos, dei por mim e entendi onde residia a desfeita, onde estava o meu erro. Eu não entendi naquele tempo o quão grandioso era o elogio, quão calorosa estava sendo a recepção.

O sertão do Brasil é lugar de gente forte, como definiu Euclides da Cunha. Terra de gente que tem em sua memória coletiva vivência com a árdua labuta e que nem sempre

[16] Professor da rede federal de ensino (IFS Campus Itabaiana) e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Instagram: @prof_wagnerlemos Podcast: Esquina Literária E-mail: wagnerlemos@yahoo.com.br

traz o alimento com fartura. Gente que já viveu com escassez. Quem não experimentou dessa dureza na vida, cresceu ouvindo a história de seus antepassados que a viveram. É terra em que comida é bem muito precioso. É terra em que oferecer um prato de qualquer que seja o alimento é a mais bela forma de dizer a alguém: "você é precioso e bem-vindo aqui, estou dando o nosso melhor". De fato, recusar isso é fazer uma desfeita. Um pedaço de bolo, uma xícara de café ou um talho de queijo são gestos daqueles que, sem muitas palavras, sabem entoar amor em atos. Hoje eu entendo e me redimo das desfeitas que fiz, mas percebo que eu havia chegado para ensinar, saí levando a mais bela aula de vivência que carrego por toda a vida.

ISSN 2764-3018 - Revista AGL / Nossa Senhora da Glória (SE), N. 2, dez/2021.

ENSAIOS

PALAVRA-RITUAL: EVOCAÇÕES (DAS) POÉTICAS INSCRITAS EM ESPÍRITO TEXTUAL

CARVALHO, Stella

RESUMO: Se não pode haver liberdade alguma até que haja liberdade da mente e esta, no que lhe toca, demanda como primeira regra a liberdade da linguagem, o que temos evocado e repetido para findar e realizar, ao mesmo tempo e em tempo algum, o desejo? O presente ensaio propõe despir-se de infundadas respostas e inconsequentes afirmativas para provocar o questionamento em sua gênese e evocar, em espírito textual, as poéticas inscritas e instrumentalizadas de forma a estabelecer estratégias de insurgência por meio do ciclo poético reavivado nos encontros entre a palavra e o ritual.
Palavras-chave: Palavra. Ritual. Espiritualidade. Texto.

A memória Ancestral,
Para que nossos prantos e cantos
Sejam a partir de agora,
Canções de regozijos pela
Revitalização do meu axé
(SEVERO D'ACELINO)

A partir dos ensinamentos de Sobonfu Somé (2007), todos nós precisamos de rituais em nossas vidas. Desde a concessão da sensação primária de existência até a manutenção de práticas restauradoras, os rituais são cruciais para estabelecer conexão entre a intimidade e os outros seres vivos. Ritualizar configura a tecnologia primordial para o nutrimento da alma: assim como energizamos o corpo material com o alimento, espera-se substancializar o espírito por meio de hábitos cujas performances estejam prescritas e codificadas por toda sorte de comunicação (in)corpórea reagente a ligações sensoriais.

A palavra, por sua vez, apresenta-se como artifício, limitado — frente às margens engendradas na cosmovisão ocidental —, para a prática dos inscritos em escrita literária, neste caso, a poesia. A partir do encontro entre palavra e ritual, pretende-se possível a evocação de uma poética que rejeita a resistência para o remembramento da existência em essência, excentricamente corporal, psíquica e sensível; nutriente para a alma. A voz, em sua amplitude de possibilidades, alia-se à poesia para proclamar o que for de pungente ao corpo: as marcas, os sonhos, a vida; para silenciar o que for de pungente ao corpo: as marcas, os sonhos, a vida; para proclamar o que for de pungente ao corpo: as marcas, os

sonhos, a vida; para silenciar o que for de pungente ao corpo. Um edificar cíclico e retroalimentado que encontra os sustentáculos da palavra: leitura; escrita; performance; entre os refolhos do ritual: provocar para desejar; evocar para findar; repetir para realizar.

Provoca-se, com a leitura, o desejar. Por meio dela, realiza-se tesão por palavra, ânsia por experienciar a ficção registrada em texto-desejo. Excita-se, enquanto leitor, as cognições capazes de criar; mundos surgem, outros tantos rompem, alguns mesmos omitem-se, a fim de imaginação plena e regente, imagem cosida na trama das relações vivas, pregada bem torta — mas afinca — para os enxertos alheios. Ler constitui-se, via de regra, por regra nenhuma; deve, apenas e não somente, ao que arrepia os pelos, enrijece os membros, afrouxa a mente e permite aspirar.

A todo desejo, portanto, espera-se devoto. Sim, devoto. Adjetivar a centralidade da via é fazer surgir, entre tantas mentiras, o que te faz devoto. Cativo de si mesmo. Não pressuponho que ao desejar esteja, automaticamente, atrelada a verdade; tampouco me importo. Proponho, contudo, evocações do querer ao encontro do que se faz rito, consequentemente, verdadeiro. Inevitavelmente, mentirosa. Já que a tudo se nega, a tudo se mente; ao que se evoca, tentativamente, finda-se de certo. Perceba, com gentileza, que não há valores morais atribuídos ao fim. Tampouco, término. Ou termino. Do fim tenciona-se, sobretudo, a manutenção do ciclo e a isso se deve a sua centralidade. Nunca estará, portanto, no ponto, mas, quase sempre, nas reticências, tampouco será, decerto, indubitável ou seguro, contudo, pode-se esperar que seja, às vezes, a conjuração do que se faz perene no âmago do eu e do outro em suas constâncias.

Repetimos, de toda forma, ou de forma alguma, de modo a formalizar a realização dos informes envoltos em desejo coletivizado. Em outra via, Leda Maria Martins (2003) nos registra a repetição no corpo como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento. A performance, enquanto andaime magnânimo e vivo para a comunicação poética, projeta em nós os balanços repetentes que embalam a gangorra firmada em chão de estrelas. De ponta a ponta, entre altos e baixos, o que se repete, em medidas originais e nunca totalmente novas, é o realizar da manutenção como base para a vida. Ao passo que, num fluxo de reincidências, repercutimos e ressonamos, silenciosas ou ao escândalo, o que nos trazia aqui e agora quando seremos ontem e lá como se já não estivéssemos amanhã e sempre.

Apesar de breves e densas pinceladas no que eu, carinhosamente, consterno aqui em ciclo poético, não pretendo me ater ao que o compõe, tampouco ao que o conserva. Anseio, primordialmente, que este seja um ensaio geral entre a palavra, o ritual e as suas evocações poéticas quando inscritas em espírito textual — ou em texto espiritual, como prefira. A desordem dos fatores garante que as confluências do movimento cíclico permaneçam no movimento ao fiarmos poesia. Já que, segundo Paul Zumthor (2018), o discurso poético se dirige aos poderes sagrados que regem a vida, e Leda Maria Martins (2003), por sua vez, reitera que a textualidade dos povos africanos e indígenas, além de seus repertórios narrativos e poéticos, não ecoaram em nossas letras escritas, prescreve-se a urgência que há em instrumentalizar a palavra com ritualísticas (im)possíveis que estrategeiem o atravessamento da própria palavra a uma profecia recusatória de funcionar como tão somente signo e a variadas reminiscências performáticas que despertem os nossos centros culturais, psicológicos e espirituais afastados por conta dos deslocamentos físicos e imaginários que a dominação europeia obliterou em nossas memórias.

Se Molefi Kete Asante (2014), em sua *Teoria de Mudança Social*, nos provoca que não pode haver liberdade alguma até que haja liberdade da mente e esta, no que lhe toca, demanda como primeira regra a liberdade da linguagem, o que temos evocado e repetido para findar e realizar, ao mesmo tempo e em tempo algum, o desejo? À leitura, neste caso, consterna-se o gatilho indeclinável do olhar como um convite para diferenciar (OYEWUMI, 2002). Contextualizado em guerra, não há a possibilidade de recusa senão ao fechar os olhos e aguçar os sentidos como se portais de insurgências fossem e órgãos de conhecimento nunca tivessem deixado de ser. Lê-se como quem abocanha o cano de um revólver ansiante por percepcionar os limiares para um novo universo: fronteirístico ao que acolhemos como firmamento e regozijante em sua infamiliaridade com a queda. Aguça-se, sem forma, o declínio como passagem e em sua própria passagem. Já que os escárnios do mundo nos revisitam ao dado momento que percebemos, na leitura, um corpo, precarizamos nossa própria presença ao presenciarmos o mundo. Via sem regra, os olhos, em sua fragilidade adulterante, ambicionam pupilas em queda para enxergar.

O elo medular entre corpo e mundo impressiona despertares de segredos quando, em contrapartida, ameaça suas próprias transparências. Provoca-se porque se deseja; deseja-se porque a si provoca. Ao nado que somos, estamos e criamos desejos, verbalizamo-nos em investigações minuciosas organizacionais do fim entre atlânticos.

Por consequência, imprimimos corpo em palavra para causar a tessitura do texto em trama espiritual. Como em processo reminiscente de notas compostas a fins de poesia, escreveremos, escrevíamos e escrevemos torções temporais questionantes da finalidade e amantes do término. Se as palavras não nascem comigo, elas não podem morrer em mim. A isso, devemos, mais ou menos, nada dos nossos esforços, visto que toda relação desejosa (é) parte do outro. Inevitavelmente, propaga a sua intermitência desde que dois ou mais corpos existam, não sendo estes importantes por suas figurações interpretadas em ficções da personificação, mas atuantes, contanto que assim se instrumentalizem em *continuum*.

eu preciso escrever
porque nem sempre eu vou poder falar
porque um dia eu morrerei
mas a minha voz permanecerá eterna
e nunca mais irá calar
(ARRUDA, s/d, s/p)

Em sua *Orelha Furada*, Edimilson de Almeida Pereira (1995) nos intima a dançar o nome com o braço na palavra berço; a dançar o nome com o braço na palavra. Escrever é dançar. Aparentemente, a sós. Referencialmente, um baile. Estrondo em dedilhar de conchas nas ondas sonoras, nado entre suores afluentes de presenças espaçadas, caminho perpassado boca a boca pelos dedos dos pés de estrelas e suas viagens. Acontecimento gestual conjurante das memórias dos saberes sem lar, desencontrados à medida que toda escrita parte do corpo e todo corpo é parte de escritas.

Conquanto escrever pretenda evocar suntuosas batidas de pelos em poros, findam-se amolações sistemáticas das nossas filosofias quando, sob condições adversas, nos objetivamos a registrar os institutos da razão e as suas exigências cerceantes. Se em nossos repertórios narrativos e poéticos não repercutiram os sagrados que sumarizam a morte e a vida como interdependentes, cabe à performance realizar, repetitivamente, rachaduras desestruturantes das superfícies sonegadoras de nossas profundidades conectivas. Se sóis e luas negros e indígenas eclipsaram em esbranquiçadas nuvens constipadas de destruição, cabe à chama e à escuridão escrever a dança e dançar a escrita por incorporações que nos retomem o sentido sulear da existência.

A performance, enquanto único modo vivo da comunicação poética, apresenta, por consequência, o eixo fundamental de inscrição da morte. Já que, apenas em diálogo

com a morte, se pode combinar a vida, a repetição no corpo realiza os desejos provocados outrora em leitura e instaura as escritas evocadas pelo fim para, ritualisticamente, vivenciar poesia.

Ora se estamos compulsoriamente designadas ao silêncio sacrificante sem chances ou alternativas de estabelecer prosa vívida, há no corpo o abocamento capaz de vociferar, triturar e deglutir. Em performance ritualística ou em seus rituais performáticos, com todas as redundâncias a que temos direito, a boca estraçalha a máquina, o gesto recobra os instintos, o pé derruba o topo e a todo o corpo se faz exposta a ameaça de uma catástrofe, um banquete, uma mandinga. Ou um convite à escuta. Cabe, em seus lugares contraditórios de emissão e recepção, aos outros despir-se de suas certezas ou não.

Posto que Martins (2003) nos presenteia com a oralitura ao afirmar que a memória dos saberes se inscreve tanto na palavra no papel quanto no corpo em performance, há, em espírito, os inscritos do texto. Pouco importa, tangencialmente, se a palavra estiver destituída de valor tendo em vista as necroses que se alastram na cultura ocidental, o registro do saber preteritamente contínuo no corpo e no que o compreende para além do privilégio visual se envolve em avivamento ancestral e transcreve grafias atraentes de passado e futuro, aspirantes dos embaraços do agora, por uma gênese circular e entrelaçada.

Enquanto a cisão instauradora de crises continuar a expurgar diásporas movediças, há de se ritualizar palavras como membros e órgãos partes de universos territorializados em corpos. Porquanto a destruição regra se mantiver, há de se vozear gestos e dançar gritos como evocações poéticas inscritas em espírito textual. Pois para que a poesia sobreviva, há de se aglutinar os movimentos gesticulados como espectros da criação da vida em plano fúnebre. Profecia comunizada nas operações mimetificadas da comunidade, baseada em sua própria manutenção, restauradora de responsabilidades ritualísticas, primordialmente tecnológica, capaz de nutrir a alma e substancializar o espírito sem ignorar as condenações do corpo material, por meio de conjurações performáticas que estejam inscritas nas evocações textuais finalizadas no início de cada desejo lido no cosmos da provocação ao passo que se configure a realização da realidade experimentada na repetição.

Referências

ARRUDA, Débora. **Coração Despovoado**. Lagarto: Chita Cartonera, 2017.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: A Teoria de Mudança Social. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.

D'ACELINO, Severo. **Raízes Negras**. Aracaju: MemoriAfro, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. Periódicos UFSM, 2003. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881. Acesso em: julho de 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **Visualizando o Corpo**: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. Filosofia Africana, 2002. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf. Acesso em: junho de 2021.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **O homem da orelha furada**. Juiz de Fora: D'Lira, 1995.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: Ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. 2ª Ed. São Paulo: Odysseus, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. 1ª ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

A POESIA ENCANTADORA DE IARA VIEIRA

SANTOS, Jorge Henrique Vieira[17]

RESUMO: O presente trabalho objetiva apresentar a poeta sergipana Iara Vieira a partir de uma reflexão sobre três de seus livros *Ruínas* (1977), *A fome do paraíso* (1994) e *O coro da serpente* (2001), considerando o que disseram acerca de sua produção os escritores Inácio de Loyola Brandão, Antônio Carlos Viana e a pesquisadora Maria Carolina Barcellos.
Palavras-chave: Poesia. Iara Vieira. Literatura Sergipana.

Introdução

Tive o prazer de conhecer Iara Vieira, primeiro através de sua poesia, que me foi apresentada pelo professor José Araújo Filho, depois, pessoalmente, por intermédio do mesmo professor, que a convidou, juntamente com o poeta Ronaldson Sousa, para um debate sobre criação poética e crítica literária em nossa turma de graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 1999. Três anos depois, também por intermédio de outro professor da graduação, José Costa, tive a honra de apresentar ao público meu primeiro livro de poemas, *Mutante in Sanidade*, num evento acadêmico da UFS em que também essa ilustre poeta aracajuana apresentava seu livro *O Coro da Serpente* ao lado do também ilustre Antonio Carlos Viana, que divulgava o seu *No meio do mundo e outros contos*. Não tive a oportunidade de uma aproximação maior com a pessoa de Iara Vieira. Do pouco contato que tivemos, pude perceber apenas sua discrição e delicada objetividade ao tratar de seus poemas. Sua poesia me encantou, desde o início, pela aparente simplicidade, sutileza de imagens e absoluta concisão e, em 2012, quando me foi dada a condição de propor o nome de um notório sergipano que pudesse ser homenageado como patrono da cadeira nº 04 da Academia Gloriense de Letras, da qual me tornei o primeiro titular, não hesitei em indicá-la.

Lamentavelmente, só tive acesso a toda a sua obra muito recentemente, quando a editora Mondrongo lançou *Poesia completa de Iara Vieira* (2021), daí não ter subsídios para oferecer uma apreciação global de sua poesia. Quero, pois, apresentá-la propondo

[17] Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Nossa Senhora da Glória, Sergipe, Brasil.

uma rápida reflexão sobre três de seus livros e trazendo para essa discussão, sobretudo, o que disseram acerca de sua produção os escritores Inácio de Loyola Brandão, Antônio Carlos Viana e a pesquisadora Maria Carolina Barcellos.

A poesia encantadora de Iara Vieira

Faz-se necessária uma pequena nota biográfica. Iara Santos Vieira nasceu em Aracaju em 09 de abril de 1949. Passou a infância em Maceió e a adolescência em Salvador, retornando posteriormente a sua terra natal onde se formou em Letras, pela Universidade Federal de Sergipe, e atuou como professora em escolas de nível médio e ensino superior. Como professora, promoveu seminários, oficinas de criação e desenvolveu diversos projetos, dentre os quais o projeto "O escritor mais perto do estudante: uma experiência viva". Através desse projeto, trouxe para Aracaju nomes expressivos do cenário literário nacional, como Lygia Fagundes Telles, Nélida Pinõn, Marina Colassanti, João Ubaldo Ribeiro, Ignácio Loyola Brandão, Osmar Lins, Afonso Romano de Sant'Anna, Renata Pallottini, entre outros, proporcionando aos seus alunos a experiência de conhecerem e conversarem com grandes escritores. Mantinha uma ativa vida cultural publicando poemas, resenhas e artigos em jornais e revistas locais e de outros estados. Desenvolveu, juntamente com a professora Maruze Reis, importantes projetos na área cultural do estado, promovendo cursos, seminários e coordenando oficinas literárias que estimularam e revelaram novos talentos sergipanos.

Fez sua estreia na poesia em 1977, cuidando pessoalmente da edição de seu livro *Ruínas*, cuja apresentação foi assinada por Inácio de Loyola Brandão. Cinco anos depois, editado dessa vez pela Secretaria de Cultura e Arte de Sergipe, aventurou-se na prosa com o livro de contos *Interiores*. De volta à poesia, lançou *Esses tempos adversos* (1984), *A fome do paraíso* (1994) e *O coro da serpente* (2001). Além de suas obras individuais, integrou as seguintes antologias: *Ensaios V*, SP (1981), *Poesia Jovem: anos 70*, SP (1982), *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, RJ, (1992), *Poesia livre*, Ouro Preto (1982) e *Poesia Sergipana no Século XX*, RJ (1998).

Reconhecida em seu ofício, foi premiada em diversos concursos nacionais, dentre os quais: *Veia Poética*, SP (1981), *2° Concurso Mackenzie de Poesia*, SP, (1981), *XII Concurso de Poesia Falada do Norte/Nordeste*, Aracaju, 1983, *Prêmio Escriba de*

Poesia Piracicaba, 1999, *2° Concurso Internacional de Poesia Mulheres Emergentes*, Belo Horizonte (1999).

Faleceu em 19 de setembro de 2003, antes da publicação de seu livro *Íntima Humanidade*, editado pela Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe, em dezembro de 2003.

Na apresentação de seu livro, *Ruínas* (1977), Inácio de Loyola Brandão enfatizou que o trabalho de quem escreve consiste na palavra e permite não apenas seu uso, mas seu abuso. Deve, pois, consentir "o destrinchar a sua mecânica interna, o desmontar a sua estrutura", "o não contentar-se com sua fórmula natural", em busca de novas possibilidades, novas combinações. Segundo ele, já em seu livro de estreia, Iara Vieira fez esse trabalho "de modo curioso, experimental", em que visava "descobrir o homem, a situação do homem".

De fato, desde o início, Iara procurou inscrever sua poesia no contexto da contemporaneidade, tentando apropriar-se da linguagem e das inovações estéticas de seu tempo, conforme também o ratifica Assis Brasil: "Já podemos situar Iara Vieira numa fase pós-modernista da literatura sergipana, a que reflete, na década de 70, uma certa virada conteudística e estética" (BRASIL, 1998, P. 175). Por isso a experimentação formal que marca seu primeiro livro, cujos poemas extrapolam a linearidade, desmontando frases e palavras e explorando os espaços para despencarem, página a página, em ruínas, o que também reflete, em seu aspecto temático, certa fragmentação do eu, numa busca contínua por uma identidade que se diluiu no contexto contemporâneo.

No entanto, a liberdade formal no uso e abuso das palavras, que bem caracteriza *Ruínas*, vai, nas obras posteriores, evoluindo para uma poesia cada vez mais econômica, condensada, em que as palavras são criteriosamente selecionadas, a fim de potencializar seus efeitos de sentidos. A concisão passa a ser a marca de seu estilo.

No prefácio de seu terceiro livro, *A fome do Paraíso* (1994, p. 11), Antônio Carlos Viana afirma que cada palavra de seus versos curtos parece ter sido "pesada cuidadosamente". Opinião comungada por Pallotini (apud BRASIL, 1998, P. 175), ao enfatizar que "ela faz uma poesia de poucas e essenciais palavras, radicalmente escolhidas", e também por Barcellos (2010, p. 02), ao asseverar que é clara sua seleção de palavras e "quanto menores são seus poemas, mais encontramos sutilezas de sentido".

Essa economia vocabular, associada ao cuidado da seleção e à sutileza de suas imagens, provoca no leitor a sensação de leveza e simplicidade, mas revela, desde *Ruínas*, sua profunda consciência do fazer poético. Consciência que se mostra mais abertamente ao leitor pela metalinguagem de alguns poemas, ou, para os mais atentos, pelas suas sutis marcas de organização e associação, que revelam a unidade temática de seus livros.

Viana (1994), em seu referido prefácio "Paraíso de Pedras", orienta aos leitores que levem em conta essa unidade global, que a poeta constrói por meio das pistas simbólicas deixadas em seus poemas, sem as quais não se pode interpretar o livro plenamente. Considerando essas pistas, ele entende que a fome de que trata o título do livro não se refere à melancolia por um paraíso perdido, mas por um que se quer alcançar por meio de uma consciente busca estética.

Os 15 poemas que compõem a obra *A fome do Paraíso* (1994) vão, gradativamente, construindo um sentido global em que a nostalgia, num primeiro momento, está associada a um paraíso que corresponde ao ambiente familiar, sobretudo à figura materna, mas que, à medida que a leitura avança, configura-se como um anseio vital por outro paraíso, em que a plenitude do eu encontra-se na linguagem e na criação. Para Viana (1994, p. 13), o livro define a trajetória de um sujeito lírico que procura na e pela palavra a libertação do primeiro paraíso enquanto funda o segundo. Nessa trajetória poética de busca de uma identidade, esse sujeito põe em xeque não só as noções de família, que ganham contornos negativos, mas questiona a própria poesia, pela consciência de que o domínio da palavra não garante o domínio da poesia, uma vez que "nenhuma palavra sacia a fome do que se quer dizer", ou seja, quanto mais penetra no "reino da palavra", mais aumenta sua avidez.

A consciência de que a poesia preenche um enorme vazio e abre outros ainda maiores alimenta sua fome e faz de sua busca uma constante que lhe confere não só a coragem de aniquilar valores relativos às noções de pai e mãe, como o fez em *A fome do Paraíso*, como subverter, com sua poética, a visão comum relativa à divindade da tradição judaico-cristã ocidental, como o fez em *O Coro da Serpente* (2001).

Nessa obra polifônica, várias vozes guiadas pela figura simbólica da serpente se cruzam em econômicos e densos poemas formando um coro que oferece ao leitor outros olhares sobre episódios bíblicos. Mais uma vez, sua busca estética a coloca na contingência de questionar valores instituídos, o que faz corajosamente. Segundo

Barcellos (2014, p.2), Iara estabelece uma "narrativa emancipada e, por vezes, subversiva" das figuras bíblicas do Antigo e do Novo Testamento, deixando aflorar não apenas sua aflição pessoal, mas a angústia característica da emergência do feminino na escrita do século XX (BARCELLOS, 2010).

Considerações finais

Como se observou, o talento e a maturidade poética demonstrados em apenas alguns de seus livros teriam alcançado escalas muito mais elevadas caso a poeta não tivesse falecido tão precocemente. Sua poesia, como o canto da sereia da lenda amazônica, encanta e enleva aquele que a lê. Quem mergulha em seus versos jamais volta ao estado anterior. Por isso é importante o estudo e a divulgação de sua obra e é preciso honrar a herança humanística, literária e cultural dessa ilustre sergipana, Patronesse da cadeira que ocupo na Academia Gloriense de Letras.

Referências

BARCELLOS, M. C. **A figura mítica de Lilith na poética de Iara Vieira**. São Cristóvão: Anais do II Senalic. Vol. 2, GELIC, 2010. <http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Maria_Carolina_Barcellos.pdf> Acesso em: 09 de abril de 2016.

_____. **A mulher no imaginário bíblico na obra o coro da serpente, da escritora Iara Vieira**. São Cristóvão: Anais do V Senalic. Vol. 5, GELIC, 2014. < http://200.17.141.110/senalic/V_senalic/textos_VSENALIC/Maria_Carolina.pdf > Acesso em: 09 de abril de 2016.

BRASIL, A. (Org.). **A poesia sergipana no século XX** (antologia). Rio de Janeiro: Imago Ed.; Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer de Sergipe,1998.

PALLOTINI, R. in: BRASIL, A. (Org.). **A poesia sergipana no século XX** (antologia). Rio de Janeiro: Imago Ed.; Aracaju: Secretaria de Estado da Educação e do Desporto e Lazer de Sergipe,1998, p. 175.

VIANA, A. C. Paraíso de Pedras in: VIEIRA, I. **A fome do paraíso**. Série Poesia na UERJ/RJ, 1996, p. 11-14.

VIEIRA, I. **A fome do paraíso**. Série Poesia na UERJ/RJ, 1996.

_____. **O coro da serpente**. Belo Horizonte: Mulheres Emergentes Edições Alternativas, 2001.

A DECOLONIALIDADE EM SANTO SOUZA

ARAGÃO, Carlos Alexandre Nascimento[18]

RESUMO: O presente ensaio busca trazer um breve panorama do olhar transgressor dos estudos desenvolvidos na área da Linguística Aplicada ao longo dos anos com base em Moita Lopes (2009), destacando o olhar decolonial à luz de Veronelli (2015) e de Matos (2019) na obra do poeta sergipano Santo Souza.
Palavras-chave: Linguística Aplicada. Decolonialidade. Literatura.

A Linguística Aplicada e a decolonialidade

A ampliação do campo de atuação da Linguística Aplicada (LA) é motivo de alegria para os linguistas aplicados, pois sua ampliação vem ocorrendo desde a década de 80 quando as pesquisas começaram a tomar novos rumos. Esse avanço caracteriza a LA como uma (in) disciplina, sem limites rígidos, híbrida e heterogênea, se constituindo como interdisciplinar/transdisciplinar, afirma Lopes (2009).

Smith (2000) corrobora com esse pensamento destacando que o linguista aplicado é um mediador entre prática e uma variedade de possíveis fontes disciplinares, sem que a prioridade seja necessariamente dada à linguística.

Nesse sentido, vale destacar a análise que Rocha & Daher (2015) e Menezes & Silva & Gomes (2009) fizeram nos anais dos IX e X Congressos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB) e em periódicos internacionais e brasileiros, respectivamente, evidenciando o olhar interdisciplinar da LA, mesmo que ocorra uma predominância da investigação do ensino/aprendizagem de línguas, mas a LA não pode isolar das demandas sociais que surgem e que são necessárias para amplitude dos seus estudos.

> É preciso que o linguista aplicado esteja conectado com o sentimento social. Sem essa conexão haverá o complexo de inferioridade como afirma Adler. É preciso que a LA encontre seus pontos de autocentramento, assim como as insuficiências do modo como vem lidando com a dimensão social das práticas linguageiras. (ROCHA & DAHER, 2015, p. 134)

[18] Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Monte Alegre de Sergipe, Sergipe, Brasil.

Assim, o linguista aplicado assume um papel de linguista social, podendo mapear um social que se deixará aprender por meio da qualidade das trocas verbais que se atualizam e pelo modo como será capaz de lê-las.

Tal entrelaçamento revela o olhar transgressor da LA, possibilitando um novo conjunto de questões e interesses, tais como: identidade, sexualidade, racismo, homofobia que até então não tinham sido considerados como de interesse da LA.

Diante desses diversos olhares, percebemos que a ampliação do campo de atuação da LA deve-se à consolidação de seu arcabouço teórico e do seu diálogo com o contexto social contemporâneo, não se limitando apenas ao estudo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras ou materna, rompendo fronteiras e construindo pontes que conduzirão os linguistas aplicados a novas descobertas, fortalecendo os estudos da linguagem.

Nesse sentido, evidenciamos o que Veronelli (2015) irá denominar de "giro decolonial", sem negar as contribuições que a modernidade eurocêntrica trouxe à história, mas construindo novas perspectivas epistêmicas que foram subalternizadas pela colonialidade. Assim, a estudiosa a define "a colonialidade não se refere somente à classificação racial, mas a um fenômeno integral e global, enquanto a distribuição das hierarquias, lugares e papéis sociais é racializada e geograficamente diferenciada".

O olhar transdisciplinar que a Linguística Aplicada (LA) pode ter, conforme Moita Lopes (2009) posiciona os estudos da LA em um espaço de construção de novos epistemes que decoloniza o saber em detrimento à hegemonia da colonialidade do saber que enraíza a transmissão do conhecimento tanto na educação básica quanto na universidade.

De acordo com Kleiman (2013) essa natureza trans – da LA se distancia da Linguística e aproxima dos Estudos Culturais e das Ciências Sociais. Essa ampliação de novos horizontes cria possibilidades de inserir novas vozes, oportunizando que aqueles sujeitos marginalizados sejam ouvidos. Vale ressaltar que desde a década de 1990 os estudos desenvolvidos no campo da LA no Brasil vêm fazendo diálogos com outras áreas, buscando dar voz a quem não tem voz, devido à epistemologia da colonialidade. Nesse sentido, a estudiosa acima citada se posiciona "venho trazer outras vozes latino-

americanas, a fim de 'sulear' (orientar para o Sul) o debate e questionar a hegemonia ocidental do Norte, ainda imperante na definição dos nossos problemas de pesquisa".

É necessário sulear a discussão, construindo espaços para que as vozes do sul possam ser manifestadas, mas não somente o ato de falar e sim o de serem ouvidas por outros sujeitos capazes de (re)significá-las dentro de seus núcleos de estudos, adentrando não somente no universo acadêmico (Universidade), e sim ao da escola que oferta a educação básica, pois este é o lugar responsável por construir saberes tanto em crianças quanto jovens. Nesse sentido, Matos (2019) evidencia:

> pensando na América Latina como local em que nos situamos e, a partir do qual, queremos construir memórias que suleiem nossas epistemes, é fundamental que práticas decoloniais permeiem os diversos âmbitos sociais, dentre eles, o contexto, escolar (MATOS, 2019, p. 105).

Diante deste cenário, é interessante pensarmos sobre o lugar da literatura produzida por homens e mulheres sergipanos (as). Assim, apresentamos um olhar sobre a produção do poeta Santo Souza.

A Literatura de Sergipe em um espaço decolonial

Sergipe é o menor estado do Brasil, situado na Região Nordeste, e tem a origem de sua toponímia formada pelos elementos siri (siri ou caranguejo), i (água ou rio) e pe (caminho ou curso), formando a expressão "curso do Rio dos Siris". Faz limite entre Alagoas, ao norte; a Bahia, ao sul e ao oeste e o Oceano Atlântico, a leste.

Sua população, registrada no Censo Demográfico de 2010, é de 2.068.017 habitantes. Tem como capital Aracaju e é composto por 75 municípios distribuídos em 13 microrregiões. Além dessa composição, o estado é agraciado por seis bacias hidrográficas: do rio São Francisco, do rio Japaratuba, do rio Sergipe, do rio Vaza-Barris, do rio Piauí e a do rio Real. Estas bacias estão registradas na bandeira do estado a partir da presença de cinco estrelas no retângulo que compõe o símbolo.

Quanto à cultura o estado é constituído por diversas manifestações tanto no interior quanto na capital. Entre elas pode-se destacar a quadrilha junina, grupos de

reisados, grupos de cacumbi, parafusos (manifestação do município de Lagarto), festa de padroeiros (as), movimentos literários etc.

Além desses destaques, evidenciamos a literatura escrita por homens e mulheres sergipanos (as). Esta literatura tem um forte destaque no cenário nacional, servindo de inspiração para novos (as) escritores(as).

Em 1971, Jackson da Silva Lima, publicou o livro *História da Literatura Sergipana*, consolidando um marco da sergipanidade no campo das artes e servindo de guia para os estudiosos (as). Mas vale ressaltar que o princípio das manifestações literárias em Sergipe deu-se com a publicação do livro *Himnos da Minha'Alma*, 1851, de Constantino Gomes.

Inicialmente, a produção literária em Sergipe percorreu o terreno da poesia. Este terreno tem uma fertilidade que vai além do tempo. Nesse caminho, encontramos o poeta José Santo Souza, vulgo Santo Souza. Ele nasceu em 27 de janeiro de 1919 no município de Riachuelo/SE. Filho de uma arrumadeira descendente de escravizados. Estudou até a terceira série do ensino primário e logo cedo teve de trabalhar numa farmácia. Residiu em Riachuelo até os 17 anos, trabalhando em farmácia. Chegando à capital Aracaju continuou trabalhando na área onde aprendeu a manipular medicamentos com o mesmo dom de produção de poemas. Sua aprendizagem neste universo foi solitária. Com o dinheiro das injeções, comprou uma gramática.

Sua estreia na literatura veio mesmo aos 34 anos, com *Cidade Subterrânea*, numa edição custeada por amigos. Esta obra foi publicada em 1953 e teve Câmara Cascudo como prefaciador e José Augusto Garcez apresentador. Em 1954, publicou *Cadernos de Elegias* e o início de *Ode Órfica*. Além dessas obras, ainda presenteou o leitor com outras como *Pentáculo do Medo*.

Tornou-se membro da Academia Sergipana de Letras, assumindo a cadeira de nº 44, foi membro correspondente da Academia Paulista de Letras. Nesse período, produziu seus principais poemas. Em Aracaju, não dedicou tempo integral à poesia, trabalhou em várias atividades, inclusive funcionário público. Conseguiu publicar 19 livros de poemas, mas enveredou também na produção de crônicas e novelas para o rádio.

A obra deste poeta é vista pela crítica como uma retomada de elementos clássicos da literatura grega, propondo inovações na metrificação dos poemas e cunhada de questionamentos espirituais cheios de símbolo. Essa espiritualidade estava presente

também em sua vida, pois ele era esotérico, lia horóscopo, participava da ordem rosa cruz e tinha os números 7, 13 e 10 como especiais. Além disso, fazia uso de uma linguagem universal.

Diante deste percurso, percebemos como a literatura produzida no estado de Sergipe rompe as fronteiras e consegue chegar a outros universos. Ao analisarmos a trajetória do poeta órfico vislumbramos a conquista de um espaço metrópole que vai além de suas expectativas. Ao conquistar leitores na maior metrópole da América Latina, São Paulo, Santo Souza consegue levar seus textos a um ponto tão elevado que poucos foram os escritores (as) sergipanos (as) a conquistarem tal feito.

O garoto autodidata, negro e não detentor de diploma de ensino superior aterriza na Pauliceia Desvairada ecoando uma voz plural e repleta de significado. É o sulear (a voz do sul) sendo falado e ouvido em um contexto colonial.

Ao enveredarmos por uma de suas produções perceberemos como o poeta constrói esta voz e a torna tão audível e ecoante em diversos espaços por onde ela é proferida. Uma voz suleada por uma episteme que somente ele é capaz de colocá-la no papel. Vejamos o soneto a seguir:

O Rochedo

Pobre rochedo! Imóvel... E, no entanto,
vive de sol a sol, de inverno a inverno
nessa ânsia de galgar o espaço eterno
alagado de luz de canto a canto

Ao vê-lo assim, calado, eu me consterno!
Não grita. Não protesta. É como um santo,
que abafa sob as dobras de seu manto
os ecos todos do soluço interno.

E, impossível como é, não há quem diga
que há milênios, sem tréguas, o castiga
a matilha feral dos sofrimentos!

Mas quantas vezes, quantas, comovido
eu lhe ouço a voz do coração ferido
gemer nas asas líricas dos ventos... (SOUZA, s/d, s/p)

Este poema, produzido por Santo Souza, penetra nas veias do leitor como o sangue que circunda todo o seu corpo, um medicamento que anestesia o corpo e transforma a mente em um ponto de ebulição.

Esse processo químico é efeito do uso da frase exclamativa que aparece no início da primeira estrofe “Pobre rochedo!”. O rochedo é a metáfora do homem negro que chegou ao nosso país de modo desumano, escravizado. Privado da liberdade foi submetido à dor da saudade e da carne. Assim como o rochedo é forte, imóvel, sem voz e usurpado pelo homem, o negro padece das mesmas características.

Ao fazer esse jogo metafórico, Santo Souza convida o/a leitor (a) a refletir sobre tal aspecto. Esta voz suleada do eu lírico se entrelaça com a do poeta, atravessando os poros e embebedando a alma. O poeta de modo sútil dá espaço a uma voz silenciada por conta de uma hegemonia da colonialidade que tornou invisíveis diversos rochedos.

Essa colonialidade ainda é uma predominante no universo literário brasileiro, pois a herança deixada pelos (as) colonizadores (as) encontra-se em todos os espaços sociais, mas é preciso que escritas como a do poeta sergipano ocupem mais espaço e coem o canto decolonial fundamental para repensarmos sobre nossos posicionamentos e rompermos paradigmas.

Encontrar esse olhar decolonial na obra de Santo Souza é reacender a esperança, mesmo em tempos sombrios, que “a voz do coração ferido” nunca será sucumbida pelas águas, ventos, fogos, terras, porque a resistência é o combustível desta locomotiva.

Referências

KLEIMAN, Angela. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: Festschrift para Antonieta Celani**. 1ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Decolonialidade e currículo: repensando práticas em espanhol. In: MENDONÇA E SILVA, CLEIDIMAR APARECIDA (Org.). **América Latina e língua espanhola: discussões decoloniais** – 1. Ed – Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 332.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de. SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Sergipe Panorâmico: geográfico, político, econômico, cultural, turístico e social**. Aracaju/SE: EDUNIT, 2021.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (Org.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

ROCHA, Décio, DAHER, Del Carmen. **Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar?**. DELTA [online]. 2015, vol.31, n.1, pp.105-141.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A literatura sergipana – ―males‖ de origem, ―bens‖ de formação: a saga de uma escrita de Sergipe por Sergipe**. Ponta de Lança. São Cristovão, V. 5. N. 10. 2012.

SILVA JÚNIOR, Antônio Carlos; MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. **Linguística Aplicada e o SULear: práticas decoloniais na educação linguística em espanhol**. Revista Interdisciplinar Sulear, UEMG, Ano 2, No. 2 (Setembro/2019) Edição Especial Dossiê SULear.

SOUZA, Santo. **A construção do Espanto**. Aracaju. Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.

SOUZA, Santo. O Rochedo. Disponível em: http://www.antôniomiranda.com.br/poesia_brasis/Sergipe/santo_souza. Acesso em: 08 ago. 2021.

VERONELLI, Gabriela Augustina. **Sobre la colonialidad del lenguaje**. Revista Universitas Humanística. Bogotá, n. 81, p. 33-58, 2015.

Projeto Santo Souza. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wZm4-fnaFDY. Acesso em: 08 ago. 2021.

ARTIGOS

UM ARTÍFICE DA PALAVRA: ASSUERO CARDOSO BARBOSA EM O ESPECTRO NO ESPELHO (2005)

CÔRTES, Daynara Lorena Aragão[19]

RESUMO: O presente trabalho tem como base a análise de *O Espectro no Espelho* (2005), do Assuero Cardoso Barbosa. Por representar a prosa nos trajetos do escritor uma singularidade, uma vez sendo o gênero poema o segmento de maior notoriedade, buscou-se apresentar o lagartense sob um novo prisma. Desse modo, tratando-se de um livro de contos, organizado em dez narrativas, amparamo-nos, sobretudo, nas pesquisas desenvolvidas acerca do gênero e seus elementos estruturantes por Maria de Lourdes Patrini (2005). Consideramos, por meio das reflexões suscitadas pela pesquisa, que o contista forja novas formas de representação, fazendo uso de anedotas do cotidiano sem deixar de lado o timbre poético.

Palavras-chave: Contos. Literatura Sergipana. *O Espectro no Espelho*. Assuero Cardoso Barbosa.

Considerações iniciais

"Talvez tantas palavras
Fossem nossas mãos
À base dos alicerces"

(BARBOSA, 2009, p. 58)

Sergipano, filho do município de Lagarto, Assuero Cardoso Barbosa traz em sua produção pés bem fixados no chão, mas ao mesmo tempo asas que alcançam a teia da literatura contemporânea nacional. Os versos utilizados como epígrafe, do poema "Construção", presente em *A Cerca de Vidro* (2009), explicitam bem a importância da poesia na vida do autor. O lagartense possui uma vasta obra e um rico repertório em referências. No campo da atuação profissional e artística, além de poeta, é professor e ator, dialogando, também, com o gênero teatro.

Por ser de uma região com referências notáveis, a exemplo do Sílvio Romero (1851-1914) e Laudelino Freire (1873-1937), entre outros, em suas falas públicas e em encontros de prosas cotidianas com o povo, o poeta constantemente faz menção ao legado deixado por gerações que o antecederam sem deixar, evidentemente, de marcar o seu

[19] Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (2018). Mestra em Letras Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição (2020). Atualmente, cursa Pedagogia pela Universidade Tiradentes (EaD/UNIT).

lugar como um intelectual ligado às raízes. Acima de tudo, um propagador da leitura, considerando essa indispensável na formação da juventude.

Assuero Cardoso Barbosa, filho de Ataíde Cardoso Barbosa e Higino Barbosa do Espírito Santo, nos idos dos anos de 1980 encontra no II Concurso de Poesia Falada de Lagarto uma oportunidade de apresentar sua poesia, sobretudo, o que escreveu *in memoriam* do amigo Jerônimo Almeida, de título "Não aceitamos débeis mentais", assim referido por Claudefranklin Monteiro. Logo, a partir desse evento, lançou-se ao município como figura de destaque, iniciando sua energética carreira literária pública até os dias atuais. Nota-se a atuação como membro fundador da Academia Lagartense de Letras em 2013, cuja cadeira nº 2 faz menção ao já mencionado Laudelino Freire.

Do mesmo ano, o poeta lança *Lagarto em versos e trova* que, mais uma vez, evidencia a expressão inicial dos pés fixados em solo lagartense. Entre inúmeras participações em antologias e lançamento de livros autorais, trazendo à luz da contemporaneidade sua antologia, destacamos *Um quarto de hora* (2014), obra poética erótica que destaca uma inaugural faceta capaz de despertar os desejos sinestésicos, mais humanos e viscerais.

O eu lírico, na segunda de seis estrofes, enuncia no poema "Rascunhos": "O poeta rabiscou a minha vida/ No teu beco profano e divino/ No atalho estreito e carcomido/ Das palavras ser, prazer e dor" (BARBOSA, 2014, p. 66). Assim, o lagartense concatena o desejo duplo, fazendo-nos rememorar Roland Barthes introdutoriamente em *O prazer do texto*: "A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu *kama-sutra* (desta ciência, só há um trabalho: a própria escritura)" (BARTHES, 1987, p. 11).

Guiado sob o signo dessa fruição, desde os seus primeiros textos, o autor também de *O Espectro no Espelho* (2005) dilui sua bagagem de referências por meio do conhecimento de autores e autoras da literatura canônica assim como do circuito sergipano literário. Especialmente na obra citada, vale mencionar o desafio de escrever em prosa uma obra que beira o cotidiano acidental e a vida comezinha, mas que traz em seu bojo o afinco filosófico próprio da identidade do poeta.

Destarte, escreve o autor em nota prefacial: "Eis-me aqui, perante o deslumbramento do novo, do desafio, da criação. Entre o real e o fictício fiz a comunhão de algumas palavras que, dividindo as mesmas ideias, foram gerando pequenas histórias que ora exponho a vocês" (BARBOSA, 2005, p. 3). O rebento em meio à vasta produção

poética não somente diversifica a atuação do Assuero Cardoso Barbosa como também traz uma nova expressão dos dramas diários narrados em prosa. Desse modo, o adjetivamos como "artífice da palavra" dado o trabalho modelador com as letras, sobretudo, nos dois diferentes gêneros literários, o poema e o conto.

As análises das dez narrativas presentes em *O Espectro no Espelho* encontram-se, pois, destrinchadas nos parágrafos a seguir do ponto de vista dos elementos narrativos (enredo, narrador, personagem, tempo e espaço). As reflexões realizadas corroboram na valorização da escrita literária do autor e no exercício de investigação da literatura contemporânea tecida no estado sergipano.

I. Sucintas reflexões acerca da tradição literária do gênero conto

Revela-nos Maria de Lourdes Patrini que o gênero conto emerge da tradição oral. As suas considerações encaminham-nos para a compreensão da herança literária em uma das suas formas mais antigas, pois ela constitui um dos meios mais longínquos de transmissão. Como força vital, o gênero é capaz de nutrir experiências, afastando-se, portanto, da vida mesquinha ou, em suas palavras, "medíocre". Todavia, introdutoriamente, vale questionar: sendo o cotidiano a matéria central da escrita literária, como analisar essa expressão artística?

As narrativas encontradas em *O Espectro no Espelho* dialogam diretamente com o habitual, o acidental dos dramas diários. Nesse sentido, Assuero Cardoso Barbosa reverte o signo. Como contista, ele evidencia as diversas facetas do gênero e desvela o fato do conto se voltar à realidade inaugurando uma nova maneira de enxergá-la e senti-la. Corroborando nessa ótica interpretativa, prefacia Valdiêr Oliveira Cézar: "ele [Assuero Cardoso Barbosa] consegue, sem embaraços, estabelecer, de forma sutil, o imprescindível elo sintônico entre variadas figuras, reais ou fictícias, e o ledor. É quando extravasa invulgar perspicácia e sensibilidade para atingir seu limite de arte no entretenimento do relato" (2005, p. 2).

Decerto, a ligação entre o estado das personagens com a harmonia do meio social que vivem e, ao mesmo tempo, as acomete exibe uma dupla instância narrativa: o autor ora busca no repertório comum da vida cotidiana matéria narrativa, ora incita o diálogo com textos já conhecidos e consolidados por meios das epígrafes. Assim, nomeados

Chico Buarque, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Gonzaguinha, Renato Teixeira, Ana Terra e Ivan Lins.

Isso, por sua vez, acontece porque, conforme adverte a autora de *A renovação do conto*, o próprio gênero narrativo "permite estruturar em expressão artística essas múltiplas formas de contar, entrelaçadas numa vasta rede de troca" (PATRINI, 2005, p. 120). Por ser literatura não somente a plurissignificação é parte integrante do texto pelo espectro da recepção, mas também o elo de intertextos. Logo, a conversação com realidade e a bagagem de referências do contista encontram-se presentes no ofício de transmitir para as narrativas um exercício que já contempla os relatos orais. Nota-se a contemplação do amálgama entre realidade e ficção, pois, afinal, escrever é manejar com as palavras e seus significados.

Como poeta, aventurando-se na arte da prosa, assim indicado pelo próprio autor em nota prévia, Assuero Cardoso Barbosa condensa no exercício da escrita duas diferentes linguagens. Para entender como *O Espectro no Espelho* significa um marco nos meandros literários tanto na trajetória pessoal quanto na inovação no cenário sergipano, examinemos as considerações do francês Jean-Paul Sartre em *Que é a literatura?* [Qu'est-ce que la littérature?].

> O prosador escreve, é verdade, e o poeta também. Mas entre esses dois atos de escrever não há nada em comum senão o movimento da mão que traça as letras. [...] O escritor é um *falador*; designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua. [...] A prosa é antes de mais nada uma atitude do espírito [...] Assim a linguagem: ela é nossa carapaça e nossas antenas, protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos. Estamos na linguagem como em nosso corpo. (SARTRE, 1993, p. 18-19)

O poeta reveste-se da linguagem prosaica para forjar uma nova representação da realidade. Revelar um novo olhar sobre o cotidiano inaugura na literatura brasileira contemporânea, metaforicamente, um "momento de felicidade e lucidez" (BARBOSA, 2005, p. 41).

Reportando-nos à gênese do conto, a sua resistência pela introdução das novas tecnologias e adaptação às estruturas sociais que se movem com o decorrer do tempo são as características mais evidentes na investigação do gênero. Prossegue Maria de Lourdes Patrini dissertando acerca das três partes fundamentais: mobilidade, generalidade e

pluralidade. Segundo a pesquisadora, com resgate das contribuições de Júlio Cortázar, "as origens do conto são antigas [pois] para definir este gênero devemos fazer referência às transformações, tensão, condensação e contração" (PATRINI, 2005, p. 146).

Veremos, pois, no seguinte tópico como Assuero Cardoso Barbosa engendra em sua obra essas características. Antes disso, no entanto, verifiquemos a assertiva da ambiguidade e polissemia como elementos intrínsecos à constituição do gênero.

> Contar exige criação de um espaço no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências permitam que as pessoas sejam reconhecidas e que estabeleçam convívio, solidariedade e recriem uma identidade. Esta criação de um espaço de convivência não estabelece nenhuma competição com os outros meios de comunicação de massa; ao contrário, procura integrá-los a sua própria estrutura. Tudo isto se passa no espaço de convivência é uma manifestação popular. [...] Neste sentido, este estudo parte do princípio de que os objetos culturais, enquanto práticas sociais, são ambíguos e polissêmicos. Aqui, a ambiguidade não significa imperfeição, defeito, carência de um sentido que seria rigoroso se fosse unívoco. A ambiguidade é a forma de existência de toda enunciação, dos objetos da percepção e da cultura, sendo eles mesmos igualmente ambíguos. (PATRINI, 2005, p. 146)

A recriação dos cenários à luz da prosa do lagartense emerge da rotina de pessoas comuns presentes nos espaços reconhecidos em municípios do estado sergipano. O que existe de representação fiel do real e do toque fictício do contador e poeta? Talvez, somente a comunhão das palavras, como ele mesmo estampa preliminarmente. O que o texto aponta com exatidão, todavia, é o "espelho luminoso enganador de almas" que abre a obra com a chave de leitura: *O Espectro no Espelho* (2005); livro que se alia à tradição do gênero conto, à literatura produzida em Sergipe e à literatura contemporânea brasileira.

II. Dos dramas diários à literatura: *O Espectro no Espelho* (2005)

A obra em destaque estrutura-se por dez contos: "O Amante das Segundas-Feiras", "Ressurreição", "Em Dias", "O Espectro no Espelho", "Mundo Novo, Vida Nova", "O Mecânico", "Ela", "A Doida", "Das Dores da Cruz" e "Anos Nossos". Como traço temático em comum, o cotidiano vê-se presente nas narrativas. A unidade temática varia entre o relato de amores, maiormente clandestinos, e encontros urbanos, com ressalvas, despretensiosos. As narrativas mesclam-se entre a palavra sob domínio do espectro masculino e feminino, ofertando ao público leitor múltiplas vivências que somente as artes, mormente, a literatura é capaz de suscitar.

Inicialmente, em "O Amante das Segundas-Feiras", o "amor amante" é o *outro*. À espera, a personagem descreve os encontros e despedidas vividos com surpresa e predileção, dada a narrativa: "eu não ousava ir ao portão olhá-lo vindo ladeira acima. A surpresa do cadeado. O tempo de arrumar o caráter e a expectativa. Minha casa de pouca mobília e poucas palavras" (BARBOSA, 2005, p. 6). Existe uma linha tênue que nos faz perceber as diversas possibilidades interpretativas acerca desse casal. Seria uma relação heteronormativa ou homoafetiva? O narrador oferece-nos uma pista: "Éramos só orgasmos duplos em corpos separados. Às vezes, ele cochilava e acordava em sobressalto em sobressalto temendo as horas, outras, ele dormia e com meu peito em sua boca sonhava a mãe que eu nunca fui" (Ibidem, p. 7).

O tempo transita entre o cronológico e a divagação entre pensamentos e questionamentos. O espaço da casa é central no enredo, pois acolhe a lembrança dos encontros amorosos que ocultavam as "juras de fidelidade" de um amor clandestino, substituído pelos *affaires* de "outros que [...] ofereciam drinques e prometiam um caso sério e terno de verão" (BARBOSA, 2005, p. 8).

A meia noite rompe como um suspense pela despedida da ladeira, fazendo-nos rememorar o tom de excitação presente no clássico conto de Machado de Assis, "Missa do Galo" de 1893, embora a produção em análise date o mês de setembro de 2004. Assim, o narrador encerra: "o nosso turno acabava antes da meia-noite [...] ele ia embora para onde pudesse acordar meio-dia, simplificar a sua vida dupla, mentir para outra pessoa, dizer que a ama e que não há lugar no coração dele para mais ninguém" (Ibidem, p. 8).

Permanece pelo espectro feminino a continuação da obra. Em "Ressurreição", o contista com ares de cronista maneja com as palavras em movimento, trazendo para o centro da narrativa a viagem de regresso de uma cidade que avizinha Simão Dias rumo a Lagarto. Desse modo, as referências da *sergipanidade* encontram-se não somente pela menção geográfica direta, mas nas cenas do cotidiano.

> Era o último dia de abril de um ano que, por mais que eu rasgue calendários, não consigo esquecer. Recordo que a noite respirava mansa, as palavras buscavam companhia entre conversas soltas e pretensões. Lembro também que a vida se sentou ali, entre a gente, tomou cerveja, sorriu, contou anedotas e problemas naquela mesa de bar da vizinha cidade de Simão Dias. (BARBOSA, 2005, p. 9)

No encadeamento das ações, a viagem é interrompida com parada no povoado Boeiro que, ligeiramente, o conto nomeia a personagem Luíza, em estado de encantamento pela memória polida e pelo desejo desenfreado do desabafo e da liberdade. Ela [Luíza] "olhava as estrelas, a lua, o capim, o sereno, a liberdade da noite. Ouvia os grilos e sentia o cheio de gado. Contemplava o silêncio. Gostava de olhar para o longe como tentasse encontrar dentro da escuridão as respostas do futuro (BARBOSA, 2005, p. 9).

Diante disso, a oscilação sentimental da personagem por meio de uma apresentação poética continua até a surpresa da abordagem de uma tentativa de assalto com disparos de arma de fogo. Mais uma vez, o suspense instaura-se, pois o sangue atravessa as palavras, cumprindo uma atmosfera de medo pelo homicídio.

A personagem narradora, espectadora e testemunha do caso descreve o abalo – "Não havia mais lua, nem estrelas, nem capim, nem sereno, só cheio de sangue e aflição. Aos invés de liberdade, uma ânsia de morte. [...] Eu era um misto de miséria, medo e desespero" (BARBOSA, 2005, p. 11) – tornando o trauma uma cicatriz permanente. Por sua vez, Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de teoria da narrativa*, em seus pressupostos fundamentais, descrevem: "tendencialmente estáticos [os fragmentos que unem informações da personagem e cenário diegético] proporcionam momentos de suspensão temporal" (1989, p. 23). Nota-se, portanto, no desfecho do conto "Ressureição" um adiamento temporal, voltando-se à cena habitual inicialmente trazida, restando apenas "uma vaga lembrança".

Assuero Cardoso Barbosa insiste na costura literária pelo suspense. A singularidade com a qual forma *O Espectro no Espelho* corrobora para o que Julio Cortázar defende no tocante aos elementos essenciais do conto. Para ele, no capítulo "Do conto breve e seus arredores" em *Valise de cronópio*, "o traço diferencial mais marcante – já o assinei em outro lugar – seja a tensão interna da trama narrativa" (2006, p. 231). A brevidade é uma característica marcante da produção do lagartense. Suas narrativas variam entre duas, três, no máximo, quatro páginas.

No conto "Em Dias" e na narrativa título da obra ("O Espectro no Espelho"), vemos o poder de síntese dos dramas diários, citados respectivamente na ordem a seguir.

"Em dias"

> Fui ao caixa eletrônico bem cedinho porque fico impaciente nas filas de espera, logo eu que tenho pressa de enganar o tempo, recuso-me a ficar prostrado ante tanta irritação. Àquela hora da manhã não havia ninguém presente, exceto alguns aposentados cochilando ou vigiando sua miséria até que as portas se abrissem dali a algumas horas. [...] O mundo estava diferente. Havia muita sujeira nas portas das repartições. Na esquina, um preservativo sem proteção. Guardanapos amassados e perdidos. Um cachorro quente em decomposição. Vasos de lixo sem uso. Semáforo quebrado. Um carro embriagado procurando seu rumo. Uma ilusão de sol nos olhos vesgos da louca catando latas. Um bom marido trazendo a feira e a sífilis para casa.
> (BARBOSA, 2005, p. 12-13)

> **"O Espectro no Espelho"**
> Reconheceu sua imagem fosca no vidro da janela do quarto onde morava e detestou o que viu. Virou-se para o espelho, este luminoso enganador de almas, viu-se melhor, penteou os cabelos, sorriu para ninguém, embora agora imaginasse outro homem diante de si. Monologou que nada existia de tão fascinante quanto aquele espelho, ninguém era mais belo que o outro em sua frente.
> (BARBOSA, 2005, p. 17)

Nota-se que o reflexo do real fragmentado não é trazido pelo espelho como objeto, mas pela interpretação das personagens, sobretudo, pela ótica do narrador, que apresenta uma sociedade puída pelas mazelas sociais. A iniciação sexual aparece, quase por completamente, pela violência através do aliciamento ou da prostituição.

Novos horizontes se apresentam como veredas de fuga possíveis do encarceramento. Logo, o espaço da casa, novamente, ocupa as páginas da obra. Em "Mundo novo, vida nova", a título de exemplo, o personagem Sérgio em meio ao vazio das lembranças, no ato do gozo solitário, restaura a dignidade pela imagem refletida no ambiente de morada que, por evitar o abandono, emprega os serviços da "dona Dora", "senhora de sessenta e seis anos que ele contratou para cuidar da sua vida que ele sujava sem querer" (BARBOSA, 2005, p. 21).

Destarte, o cotidiano prossegue oferecendo tom à narrativa. A disparidade social vê-se posta frente a frente no conto "O Mecânico", mais uma criação que desvela as fissuras sociais advindas de uma economia pautada na exploração. Antônio José, tão somente conhecido por Tonho, ao deparar-se com a situação de conserto do automóvel de Dona Clarice, exibe a prestação de serviço como ação de prostituir-se, numa pluralidade.

Não somente o ato de pagamento pelo corpo do *outro*, no uso e desfrute, tal como menciona o narrador acerca das mulheres do Mercado Municipal, mas também pela utilidade que concede à vida pela desigualdade, pois "para ele [personagem protagonista] a vida era uma síntese de poucos cômodos e um roncar de motores funcionando mal ou bem" (BARBOSA, 2005, p. 23-24).

À vista disso, de diferentes modos, a prostituição é uma vivência comum, cada um ao seu modo. A vulnerabilidade que esses corpos se encontram reflete no gosto amargo das palavras. No conto "Ela", a mulher reaparece refletida pelo peso das experiências, da maternidade e da relação conjugal. Já no conto "A Doida", a mulher persiste sendo, conforme consagrou Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* [Le Deuxième Sexe] (1949), o *outro* diante desse "Eu" masculino.

> **"Ela"**
> Sinto-me velha toda vez que ele não me bolina, principalmente quando a enxaqueca não persiste. Eu queria tanto que ele fosse um paliativo, mas estou acostumada. Morro de medo de engordar e sonho em colocar o batom que ele detesta. [...] Meu marido chegou. Sinto-me exausta como os pratos sobre a mesa e abandonada feito os copos sujos na pia. [...] Minha filha interroga se eu gosto do pai dela, lembro da melhor atriz que conheço e afirmo que gosto. Ela sorri e diz que não acredita. O meu de doze indaga se eu tive muitos namorados e se eles eram bonitos. Eu abro os olhos verdadeiros e minto que foram quase vinte e não eram tão bonitos assim, mas pareciam, na maioria, super heróis ou jogadores de futebol. O mais velho chega e, arrumando as palavras, pergunta se eu sou feliz. Lembrando do mundo em que engano e engomo, em que levo e lavo, em que varro e vasculho, respondo amargamente que sou"
> (BARBOSA, 2005, p, 30)

> **"A Doida"**
> Abriu a caixa de cigarros perpetuada em seu bolso e ofereceu um dos vinte àquela criatura opaca e passiva aos seus gestos. Ele a levou para uma das construções em andamento. Ela começou a murmurar palavras sem nexo e depois engrolou uma canção antiga. Ele tremia e pedia silêncio. A doida ria e olhava com carinho. Suando frio, ele tocou aqueles seios nus e sem ânimo. A doida tinha a mão cega e suja de inocência que ia e vinha como o seu sorriso banguela desmanchando. Com a mão da doida sobre a sua edificação em turbulência, ele gemeu sozinho como se gritasse para o vazio sem eco.
> (BARBOSA, 2005, p. 33)

A semelhança temática com a produção de Antonio Carlos Viana efetiva-se pela violação da juventude e iniciação à sexualidade de modo violento. O cerceamento da liberdade, contrariado a loucura, cerca os personagens, colocando-os em situações limite,

entre reduzidas possibilidades tanto na tomada de decisões quanto de trânsito nos espaços representados. Com isso, retomamos, mais uma vez, Roland Barthes na obra inicialmente referida: "A fruição do texto [...] é [...] precoce; não surge no devido tempo, não depende de nenhum amadurecimento. Tudo é arrebatado numa só vez." (2014, p. 69). O arrebatamento ao modo Assuero Cardoso Barbosa de narrar traz muito das características poéticas das quais forjam a escrita em versos.

A entrega à vida boêmia em meio às cenas urbanas e aos secretos amantes não deixam de lado as convenções sociais. A família e a situação de subjugação das mulheres repetem-se, não como militância do texto, embora a recepção possa julgar de tal modo, mas pelas diferentes angústias refletidas nessa dupla imagem, metaforizada pelo espelho.

Ora, em "Das Dores da Cruz", o sangue persiste jorrando, quando a obra apresenta-nos um caso de feminicídio, cometido pelo pacato personagem João da Cruz, "pequeno agricultor do povoado Riachão Seco" (BARBOSA, 2005, p. 35), que não confiava em ninguém, negando o seu apoio à educação escolarizada das filhas Maria da Anunciação e Ressureição. Das Dores, sua companheira, é apresentada no texto como mulher "que vivia sempre calada, cabisbaixa, ora à beira do fogo, ora varrendo o terreiro em frente à casa onde moravam ou, depois de ter ajudado o marido na roça, cuidava do almoço e criava galinhas, sua devoção e penitência diárias." (Ibidem, P. 35).

Similarmente, a resignação das personagens mulheres advinda do contexto patriarcal salta aos olhos, sobretudo, pelo diálogo firmado com a obra de onze anos após, *A saga de Zefa Ninguém* (2016), cuja adjetivação atribuída ao autor como "fiel leitor de vidas", assim feita por Jozailto Lima em prefácio dedicado ao Assuero Cardoso Barbosa, cumpre o ofício das palavras versejadas.

O conto "Anos Nossos" fecha *O Espectro no Espelho*, trazendo uma gama de referências intertextuais e de diálogo direto com a memória atada ainda nos "anos de chumbo", assim identificado o período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). A configuração da personagem Elba, não mais comprimida ao espaço da casa, recebe um novo tom: "intelectual, loira, de boca grande e olhos que exigem atenção, com dotes elevados e o espírito à altura da sua astúcia e sensibilidade" (BARBOSA, 2005, p. 39).

Amante da literatura, o narrador encontra em Elba o mote para trazer ao discurso o vasto repertório em poesia, cinema e música. Isso, por sua vez, descortina possibilidades, vivências e narrativas que somente pela literatura é possível deparar-se

com elas, ao mesmo tempo, revivê-las, corroborando para o que Jean-Paul Sartre defende a respeito do exercício criativo: “escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor” (SARTRE, 1993, p. 49).

Considerações finais

Embora seja a obra em destaque o rebento do autor no gênero conto, existe uma esperança anotada com os recursos advindos da sua *Antologia poética* (2021) de publicação de uma nova obra em prosa. Assim, embora 2005 marque um distanciamento temporal com os livros posteriormente lançados, de um vasto acervo poético, Assuero Cardoso Barbosa prossegue trilhando caminhos pelas narrativas ficcionais. O pincel teima em dialogar diretamente com a tela social urbana que o acompanha, alimentando essa indissolúvel relação entre conto (seja oral ou escrito), sociedade e cultura, conforme defende Maria de Lourdes Patrini (2005, p. 143).

As referências já citadas introdutoriamente, como abertura dos contos analisados, engendram uma produção que parte não somente da vivência, mas também pela leitura. Com isso, pode-se afirmar que antes de poeta e contista, o lagartense é um ledor. Além das obras clássicas e contemporâneas à formação pessoal, incluindo diversos gêneros artísticos, ele é um leitor das vidas que o avizinham. Todavia, essas marcas biográficas não cabem por catalogação ou investigação, mas pelo diálogo entre literatura e história. A sua produção cumpre, assim, a ação da representação pela *verossimilhança*.

Notamos, por fim, a versatilidade das narrativas que apresenta ao público leitor as diversas facetas e espectros, pela metáfora do *Espectro no Espelho*, lançando a sua força literária às novas gerações de escritores e escritoras. Destacamos “Tique-taque ou sirenes”, do jovem poeta sergipano Hugo Arcanjo, que versa: “E o teu beijo é um livro do Assuero,/ Cerca de Vidro ou Um Quarto de Hora,/ Gritando: “Me ame agora!” (2021, p. 47).

Referências

ARCANJO, Hugo. **Um quarto do mundo e o mundo do meu quarto**: poemas de crise e isolamento social. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2021.

ASSIS, Machado. A missa do galo. In: ASSIS, Machado. **Obra completa.** Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo. Fatos e mitos.** (Vol. 1). 4ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BARBOSA, Assuero Cardoso. **O Espectro no Espelho.** Lagarto: Gráfica e Editora J. Andrade, 2005.

_____. **A Cerca de Vidro.** Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2009.

_____. **Um quarto de hora.** Lagarto: Gráfica e Editora J. Andrade, 2014.

_____. **A Saga de Zefa Ninguém.** Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2016.

_____. **Antologia poética.** Lagarto: Criação Editora, 2021.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

CÉZAR OLIVEIRA, Valdiêr. Prefácio. In: BARBOSA, Assuero Cardoso. **O Espectro no Espelho.** Lagarto: Gráfica e Editora J. Andrade, 2005.

CORTÁZAR, Julio. **Válise de cronópio.** Tradução de Davi Arrigucci Junior e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MONTEIRO, Claudefranklin. **Assuero Cardoso Barbosa**: assim nasceu o poeta. Disponível em: http://www.lagartonoticias.com.br/2020/07/24/assuero-cardoso-barbosa-assim-nasceu-o-poeta/. Acesso em 22 de setembro de 2021.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria narrativa.** São Paulo: Ática, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 1993.

VIANA, Antonio Carlos. **Aberto está o inferno.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RESENHAS

A INTERNET E OS IMPACTOS EM 'EU, ESCRAVO DA INTERNET?'

FREIRE, Janete de Souza Lima[20]

No livro *Eu, escravo da internet?*, Almeida Junior discorre sobre a dependência da sociedade de modo geral em relação às redes sociais, aplicativos e tudo que tem relação com a internet e suas ferramentas.

A internet veio para facilitar a vida de todos, no entanto, aos poucos tomou um rumo tão amplo e incontrolável que acabou por dominar o ser humano, e não ao contrário, ou seja, hoje o ser humano é totalmente dominado e dependente dessa ferramenta. A real situação é que a grande maioria da população vive aprisionada e alienada nessa loucura que é a internet, na atual sociedade a rede mundial de computadores não é utilizada apenas como ferramenta de trabalho ou vista como algo facilitador, a utilização de redes sociais sem controle, vem trazendo grandes danos, os usuários ficam tão presos que acabam adquirindo depressões e outros problemas psicológicos.

A referida obra tem 05 capítulos, logo na capa do livro o autor, inteligentemente, traz a imagem de um adolescente literalmente acorrentado frente a um computador e a *smartphones*. Além de demonstrar claramente no rosto do jovem a angústia e o medo por não conseguir sair daquela situação. O conteúdo da literatura relata o dia a dia de uma professora na escola onde leciona. A docente fica estarrecida em observar o cenário caótico que a rodeia. Adolescentes ensandecidos, presos aos seus telefones celulares. Essa geração não mais conversa entre si, não observa o que acontece à sua volta, não sabe o quão é saudável dizer uma boa tarde, um bom dia, um abraço em seu colega ou em um familiar ou no professor. Nesse contexto complexo e bagunçado, a relação interpessoal não existe e muito menos valor algum é atribuído a esse fator.

Essa temática é indicada a todos os públicos, pois essa triste realidade é percebida desde a infância até a fase adulta. Vivemos em uma sociedade cheia de oportunidades e facilidades, porém vivemos em uma comunidade de alienados (as), que não valorizam a cultura, o gosto pela leitura, não enxergam o valor da moral e dos bons costumes, vivem

[20] Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística pela FANESE. Pós-Graduada em Gestão Escolar pela Faculdade FUTURA.

refém dessa espetacular descoberta que é a internet e tudo que é interligado a ela. Recomendo não apenas a leitura dessa obra, e sim todos os livros desse incrível escritor, vocês irão encontrar temáticas do cotidiano que irão te fazer refletir. Aproveito o ensejo para recomendar leituras de outras de outros autores com essa temática, pois é de grande relevância para a atual realidade.

Almeida Junior é professor, escritor, palestrante e seu maior sonho é despertar o hábito da leitura, a proatividade e a cidadania em seus leitores. Esse é o papel dos professores, através do incentivo à leitura crítica, podemos mudar realidades, outrossim podemos denotar que o campo para a afetividade com o aluno trata-se de um campo enriquecedor, que permeia sobre a inserção do saber da realidade de cada um, é neste intuito que se torna inerente a leitura concisa e relacional dentro do campo acadêmico, visto que, cada leitura insere um conhecimento de afeto, sonhos e a força de vencer de cada personagem.

É neste paradoxo que a professora fixando seu olhar naquele ambiente o qual se encontra e fica perplexa em ver seres humanos presos em relações virtuais. Partindo dessa observação, começa a luta diária e constante da mestra para mudar essa triste realidade. É neste intuito que partindo destas concepções podemos construir o elo de ligação e de afeto, muito característico dentro do nosso lar educacional, o saber que as metodologias e a vivência de cada um estão sendo ofuscadas pelo uso incoerente de ferramentas que não agregam de forma precisa e eficaz, como ser humano e ganho profissional.

Com isso mudar essa realidade é necessário para que uma nova relação entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas. Para tanto, é preciso compreender que a tarefa docente tem um papel social e político insubstituível, e que no momento atual, embora muitos fatores não contribuam para essa compreensão, o professor necessita assumir uma postura crítica em relação a sua atuação recuperando a essência do ser “educador”.

O SERGIPANO MANOEL CARDOSO E SEU "ESTUDOS DE LITERATURA INFANTIL"

CARVALHO, João Paulo Araújo de[21]

RESUMO: O sergipano Manoel Cardoso é autor de vasta bibliografia, não somente pelas mais de vinte obras escritas, mas pela diversidade de gêneros literários aos quais têm se dedicado. Ficcionista, folclorista e poeta, a maioria de seus títulos são ambientados nos rincões interioranos de Sergipe. Como professor, graduado em Letras e mestre em Literatura Portuguesa pela USP, também vislumbrou a necessidade de escrever para os futuros docentes, com os quais se deparou nos cursos de formação ao magistério em que lecionou na capital paulista. Daí nasceu, dentre outras, *Estudos de Literatura infantil* (Ed. do Brasil, 1991), composto para os que se propõe à alfabetização no que hoje é a Educação Infantil e o Ensino Fundamental Menor. Compreendendo esse *primeiro ciclo* escolar como base na formação do aluno, o objeto dessa resenha vai acompanhado de sugestões de outras obras do ainda desconhecido sergipano que podem ser utilizadas pelos docentes, em especial no despertar para o universo da literatura.

Palavras-chave: Educação. Literatura. Manoel Cardoso.

> *"É tarefa da escola, principalmente, o estudo aprimorado da Literatura Infantil, sua divulgação, e o professor – orientador do aprendiz – precisa estar munido de todos os elementos (conhecimento, domínio das técnicas literárias). Assim, a criança, em contato com a realidade mágica, poderá crescer como ser consciente, segura de si e, mais tarde, se afirmar como ser total, quando lhe caberá o papel de interpretar o mundo adulto". (CARDOSO, 1991, p. 15)*

A educação é um processo contínuo de produção, transmissão e reprodução do conhecimento. Quando ministrada no seio familiar, por exemplo, dizemos que se trata de uma educação informal. Quando o espaço dedicado ao saber é uma instituição como a

[21] Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especialista em Educação e Patrimônio Cultural de Sergipe pela Faculdade Atlântico, graduado em História pela Universidade Tiradentes (UNIT); professor da rede pública de Sergipe e de Nossa Senhora das Dores/SE; membro, dentre outras instituições, da Academia Dorense de Letras (ADL); autor, dentre outras obras, do livro "Uma cruz para os Enforcados" (EDISE, 2019). Nossa Senhora das Dores, Sergipe, Brasil. Contato: joaopaulohistoria@gmail.com

escola, classificamos o processo como formal, tendo em vista a existência de métodos e técnicas pré-estabelecidos para o ensino-aprendizagem. As duas modalidades, no entanto, têm em comum o fato de uma geração anterior transferir a posterior saberes que considera úteis ao desenvolvimento moral, ético, cívico, cognitivo, socioeconômico e político dos aprendizes.

A literatura é um dos excelentes suportes nesse ensinar e aprender, pois, permite aos envolvidos na troca de conhecimentos o acesso a fazeres, saberes, crenças, artes, regras de conduta e outros aspectos cotidianos inerentes a sua cultura e a de outrem. Em especial quando se aprende com ludicidade, afinal, "*brinca-se sobretudo / de palavra / que é uma pá / que revolve a ideia / e lavra a terra / da mente. / Palavra! (não minto)*" (CARDOSO, 2012, s/p).

E foi na sala de aula do curso de preparação para o magistério que o escritor sergipano Manoel Cardoso viu a necessidade de ofertar aos futuros professores *"uma visão panorâmica e clara de tudo o que se liga à Literatura Infantil"*, daí surgindo a obra *Estudos de Literatura Infantil*, publicada em 1991 pela Editora do Brasil. A obra aborda a produção literária voltada para crianças tomando como pontapé a revalorização desse tipo de literatura no Brasil dos anos 1970, trazendo à lume, sobretudo, a importância da oralidade e do folclore como meios de perpetuação de clássicos, momento no qual se passou a pensar em obras produzidas para crianças que não fossem adaptações das produzidas para os adultos, mas que tivessem como cerne o lúdico e o próprio universo infanto-juvenil. Outrossim, o autor chama atenção para o fato de a Lei 5692/71, de estímulo ao hábito da leitura e de valorização dos escritos nacionais, ter contribuído para esse impulso às letras para crianças em território nacional (CARDOSO, 1991, p. 13-15).

Observando a fonética, a morfologia, a sintaxe, o estudo de texto, a estilística, a ortografia, a pontuação e demais diacríticos, a versificação e a produção de textos, *Estudos de Literatura Infantil* nos leva a refletir sobre o modo como os escritos voltados para a garotada foram se transformando em arte que transcende idade, tal qual a "grande literatura", incluindo-se no rol de autores as próprias crianças, com sua poética própria (despertada especialmente pelas cantigas de ninar e parlendas), sua capacidade de imaginação e vivências familiares, escolares e em outros campos da sociedade.

O autor situa a *fábula* como escrito de primeira hora voltado à educação da criançada. Esse é um gênero literário caracterizado pela "narrativa em prosa e verso, que

encobre uma moralidade sob o disfarce da ficção, tendo os animais como personagens. Mesclados à ação dramática, também se encontram seres humanos, árvores, plantas, objetos inanimados e até abstrações filosóficas" (CARDOSO, 1991, p. 16). Na Grécia, na Índia, na Roma e na Palestina antigas, assim como na Europa Medieval, era a fábula a mais popular das literaturas voltada ao público infantil, consagrando autores como o grego Esopo, o latino Fedro, o catalão Raimundo Lúcio, dentre outros. A própria *Bíblia*, em ambas as partes, incorpora esse tipo de narrativa, que no "Novo Testamento" se transforma nas conhecidas "parábolas" contadas por Cristo e imortalizadas pelos evangelistas. No Brasil do século XX, coube ao mais consagrado autor da literatura infanto-juvenil, o paulista Monteiro Lobato (1882-1948), recriar a fábula tradicional, nela inserindo elementos da realidade nacional (fauna, flora, problemas, cenários do interior etc.) e substituindo a "moral da história" pela ação mais proativa dos seus personagens, incluindo as crianças, que ganharam voz e vontade. Lobato, com sua boneca Emília, seu sabugo de milho falante Visconde, sua menina Narizinho, a sabedoria da tia Nastácia e as saborosas receitas desta e da avó dona Benta, dentre outros personagens imortalizados no espaço mágico do "Sítio do Pica-pau Amarelo", renovou a arte de contar histórias com doses de ludismo, fantasia, folclore e conhecimento que encantam guris e adultos até os dias de hoje (CARDOSO, 1991, p. 23, 44-45).

Como "clássicos" desse gênero até a década de 1920, Manoel Cardoso nos apresenta o francês Charles Perrault (1628-1703), os alemães Wilhelm Karl Grimm (1786-1859) e Jacob Ludwig Karl Grimm (1758-1863) – "Irmãos Grimm", o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) e o brasileiro, sergipano como o autor, Sílvio Romero (1831-1914). Como características comuns a suas obras, "a finalidade precípua de educar, apresentar modelos, moldar a criança de acordo com a perspectiva do adulto" (CARDOSO, 1991, p. 25), cabendo aos pequenos a passividade da escuta e aprendizado do ensinamento contido nos chamados "contos de fadas" ou "contos maravilhosos" da *Carochinha*, de *Trancoso*, da *Branca de Neve e os sete anões*, de *João e Maria*, do *Patinho feio* e de *A Formiga e a Neve*.

Ainda com o olhar voltado para o Brasil pré-Lobato, Manoel Cardoso cita dois autores nacionais preocupados com o uso didático da literatura infantil. O carioca Olavo Bilac (1865-1918) e a paulista Francisca Júlia (1871-1920), ambos vinculados à estética parnasiana, à forma do texto e ao didatismo da transmissão de valores, sendo a última

uma das pioneiras no país no uso da poesia infantil (CARDOSO, 1991, p. 37-41). Já entre Lobato e a década de 1970, período que Cardoso denomina de "ciclo intermediário", o autor chama atenção para a diversificação dessa arte e a ampliação de temáticas, bem como para a fundação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e a expansão do movimento editorial a partir de autores como Érico Veríssimo (1905-1975), Lúcia Machado de Almeida (1910-2005), Odette de Barros Mott (1913-1998), Francisco Marins (1922-) e Isa Silveira Leal (1910-1988). Como tendências na escrita voltada para a gurizada na atualidade, lembremos que a obra de Cardoso foi editada em 1991, cita-se o "Romantismo" (de aventura, idealista e detetivesco), o "Realismo" (urbano, rural, ecológico, étnico, cotidiano, mágico), o "Simbolismo" (subjetivismo, misticismo, introspecção, pessimismo) e, em menor escala, o "Modernismo" (ludismo, experiências da linguagem, despoetização da realidade). Além de obras dos autores nacionais e estrangeiros já citados, Manoel Cardoso elenca ao final do livro dezenas de "leituras indicadas". Destaque-se, também, que ao longo de todo o seu trabalho o autor de *Estudos de Literatura Infantil* traz trechos de obras citadas, resumos biográficos de autores e exercícios a partir dos referidos trechos, numa excelente sequência didática a ser utilizada pelos mestres-escolas (CARDOSO, 1991, p. 52-83).

Como foi posto no início, a obra aqui apresentada nasceu num curso de formação para o magistério, assim sendo, seu autor traz como recomendações aos futuros mestres que nas séries iniciais se valham da história oral, que o autor observava que vinha caindo em desuso na escola, mesmo sendo o primeiro contato da criança com a literatura ainda no seio de sua família, quando lhe são narradas ou cantadas epopeias maravilhosas para lhe fazer adormecer. Após esse resgate de memórias orais, recomenda que se passe à leitura pelo professor do texto escrito, com brevidade e dinâmica, despertando na gurizada a capacidade de criar imagens a partir da palavra. Num terceiro momento, a criança, instigada ao gosto pelo livro, está apta a ler imagens e textos. No capítulo VIII, são elencadas diversas coleções que o autor considera apropriadas a esse momento de descoberta da leitura e da escrita (CARDOSO, 1991, p. 84-87).

Cardoso aponta como outros importantes instrumentos lúdicos pelos quais se pode pôr a criança em contato com a literatura à medida que a mesma vai avançando na idade, na sensibilidade e nos conhecimentos adquiridos: a poesia (com sua leveza, sons e ritmos), a leitura teatralizada (dando mais vida à mensagem), o jogral (que destaca a frase

poética, modula a voz e enfatiza os significantes), o teatro (a literatura levada ao palco), o folclore (a ser usado não apenas em um mês do ano, com seus ABC´s, cantigas de ninar, contos populares, lendas, mitos, parlendas, parêmias e provérbios, adivinhações, charadas, anedotas, trava-línguas, apelidos e hipocorísticos) e os meios de comunicação (revistas, jornais, quadrinhos, cinema, música, televisão). Inúmeros são os autores que compõem as recomendações de leitura e atividades dos capítulos IX e X, alguns "clássicos" na "literatura adulta" que também produziram para crianças (como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Mário Quintana, dentre outros) (CARDOSO, 1991, p. 88-138).

Enfim, *Estudos de Literatura Infantil* é uma obra rica de conteúdo, ainda atual, mesmo passados quase vinte anos de sua edição, sendo um excelente mapa do tesouro ao mestre-escola que deseja inserir a arte da escrita em suas aulas, não somente nas séries iniciais ou em disciplinas como literatura e língua portuguesa, mas em praticamente todos os ramos do saber sobre os quais a escola se debruça.

Em tempo, registramos que o autor desse excelente compêndio é sergipano de Nossa Senhora das Dores, tendo nascido no povoado Taborda, e atualmente residindo na cidade de São Paulo (SP), onde estudou na Escola de Folclore, licenciou-se em Letras e cursou Mestrado em Literatura Portuguesa, ambos na USP. Além de professor, Manoel Cardoso é poeta, contista, ficcionista, romancista e folclorista de vasta obra, da qual destacaremos aqui apenas aquelas que mais facilmente podem ser utilizadas com as crianças em seus formativos anos: *Dois garotos da pesada* (ficção, Editora do Brasil, 1986), *Rolando na duna* (ficção, Editora do Brasil, São Paulo/SP, 1989), *É tempo de circo* (ficção, Editora do Brasil, São Paulo/SP, 1989), *Pequeno Aguadeiro* (ficção, Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 1992), *A bordo do tempo* (poesia, Fundação Vint-Un Rosado, Mossoró/RN, 1996), *Vem brincar na mesma roda* (poesia, Netebooks Editora, São José dos Campos/SP, 2012), dentre outras da fértil escrita do autor que podem ser adaptadas.

O até aqui anônimo escritor sergipano recentemente foi "descoberto" pela academia através do graduando em letras pela Universidade Federal de Sergipe, o também poeta e dorense Jânio Vieira dos Santos, que vem se debruçando sobre a poética memorialista, universal e contemporânea do autor, centrada na infância e nas vivências interioranas, produzindo "fortuna crítica" que tem ajudado a levar a vasta obra cardosiana às salas de aula de Nossa Senhora das Dores. É preciso que sua obra continue sendo

(re)visitada e apropriada como instrumento educacional de valorização identitária e formação integral do aluno através da literatura.

Referências

CARDOSO, Manoel. **A bordo do tempo**. Mossoró: Fundação Vint-Um Rosado, 1996.

_____. **Dois garotos da pesada**. São Paulo: Editora do Brasil, 1986.

_____. **É tempo de circo.** Ilustrações de Cláudia Ferreira. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

_____. **Estudos de Literatura Infantil.** São Paulo: Editora do Brasil, 1991.

_____. **Pequeno Aguadeiro**. Ilustrações de Simone Brito. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

_____. **Pétrea Colheita**. São José dos Campos: Netebooks Editora, 2016.

_____. **Rolando na Duna**. Desenhos de Ricardo Azevedo. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

_____. **Vem brincar na mesma roda**. São José dos Campos: Netebooks Editora, 2012.

SANTOS, Jânio Vieira. "*Pétrea Colheita*: a poética da memória em Manoel Cardoso". **Travessias Interativas**. São Cristóvão (SE). nº 16 (vol. 8), jul-dez/2018, p. 607-609.

_____. "Um poeta a bordo do tempo: memória, simplicidade e infância em Manoel Cardoso". **Travessias Interativas**. São Cristóvão (SE). nº 18 (vol. 9), maio/2019, p. 95-104.

ISSN 2764-3018 - Revista AGL / Nossa Senhora da Glória (SE), N. 2, dez/2021.

ENTREVISTA

ENTREVISTA

Entrevistadora: Daynara Lorena Aragão Côrtes
Entrevistado: Assuero Cardoso Barbosa

1ª Quando Assuero Cardoso Barbosa descobriu gosto pela literatura, reconhecendo-se como poeta/escritor?

Mais ou menos aos doze/treze anos de idade, quando incentivado por uma professora, alguns textos meus foram expostos num mural de uma amostra cultural da escola pública onde eu estudava na época, mas "oficialmente", quando participei em 1984, pela primeira vez, de um concurso literário e fiquei em terceiro lugar.

2ª Para você, é mais desafiador escrever em versos ou prosa?

Tanto um quanto o outro são desafiadores, cada qual com suas particularidades. O que importa na hora da criação é a inspiração, onde e como as palavras serão trabalhadas para que o chegue ao leitor algo prazeroso que lhe cause alguma reação emocional.

3ª Quais são as suas maiores inspirações na Literatura?

A *priori* eu costumava e gostava de escrever quando chovia. Sempre gostei do clima chuvoso e frio, emanava uma certa nostalgia, misto de saudade e inspiração. Atualmente outras coisas me impulsionam a escrever: as injustiças sociais, o amor ou a falta dele, a saudade de pessoas, as lembranças...

4ª A partir dos nomes citados, há pontos de convergências em suas obras, a exemplo de *A Cerca de Vidro* (2009), *Um quarto de hora* (2014) e *A Saga de Zefa Ninguém* (2016)?

Creio que não haja convergências entre estas obras citadas, elas são distintas, possuem temáticas diferentes, não falo em estilo, mas dos conteúdos.

5ª Comente sobre o cenário contemporâneo da literatura. Como você define esse momento?

Atualmente há muitos livros maravilhosos para serem manuseados e lidos, mas faltam mãos e olhos sensíveis para fazê-los. Temos autores e autoras incríveis esperando por leitores, MAS...

6ª Sobre *O Espectro no Espelho* (2005), há uma grande marca autobiográfica na confecção dos contos?

Alguns contos desta obra são fictícios, outros baseados em fatos reais de histórias que ouvi contar, mas de cunho autobiográfico somente *Em Dias* e *Anos Nossos*.

7ª Sabemos que a matéria prima da literatura é a própria palavra. No entanto, além dela, de onde surge ou de onde você coleta dados para a construção dos enredos?

Através de histórias e desabafos que ouvia e ouço de pessoas próximas ou não, das minhas lembranças, da imaginação, vai depender muito do que me proponho, no momento, a escrever.

8ª O que é que tem na gaveta do Assuero Cardoso Barbosa? Quais são os projetos literários para o futuro?

Estou com muitos poemas inéditos para organizar num livro, mas antes tentarei publicar dois de contos que faz anos que já deveria ter feito. Depois ainda penso em enveredar pela literatura de cordel e infantil, mas preciso amadurecer muito a ideia, não é coisa fácil de fazer como muitos pensam.

23 de setembro de 2021.